ALBUM DA EXPEDIÇÃO AO MUATIANVUA

Est.
95 P.

Microfilmado
em 15/6/00

NCB 1153177

N.º 1

N.º 2

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 3

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA
R. 4.786

Pessoal superior da Expedição ao Muatiânvua.

Nº 1 Chefe Henrique Augusto Dias de Carvalho.

Nº 2 – Sub-Chefe Agostinho Sisenando Marques.

Nº 3 Ajudante Manoel Sertorio de Almeida Aguiar.

H. Carvalho

Est. nº 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2

A vista Nº1 - Caso se pode suppor é uma audiencia do Muatianvua a qual teve logar na sua mussumba proximo á Estação Conde de Ficalho. Foi a primeira vez que sahiu a cadeira e docel que a Expedição levou de Lisboa. Na cadeira devidamente fardado está o Muatianvua que ouve um recado de Quissengue principe Quioco que lhe transmitte o que está em pé ao meio da arena como interprete do embaixador do mesmo Quissengue que está sentado ao fundo em frente do docel mas que se não pode destinguir por causa dos chapellinhos de sol - Sentados sobre o solo formando roda estão os quilolos, Cacuatas e povo destinguindo-se os primeiros pelos chapellinhos. Trata-se na occasião de communicar que Quissengue annue a pedido de Muene Puto e Muatianvua d'ir a seu encontro á povoação do Camgula de Mataba para se tratar de assumptos referentes ao Estado da Lunda.

A vista Nº2 - Foi tirada na occasião em que um Quimbanda (faz lembrar um palhaço) appareceu á frente da Estação Costa e Silva no Cuango para fazer pantominas e dançar, está elle com pennas na cabeça, grandes barbas e enfeitado com folhas e chocalhos de madeira nas pernas. Pena é que esta e a outra photographia que se deligenciou tirar destes grupos ficassem más, porque nos daria perfeita ideia de homens, mulheres e creanças do Capenda Camulemba! (Kinjis)

Carvalho

Est Nº 2

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº1 - É um rapaz das margens do Unhamba que veio para a Expedição de mandado d'um quilolo do Muatiânvua Nzovo - Lá foi empregado no serviço da cosinha e nesta qualidade ficou á soldada empregado n'uma casa em Loanda. Hoje já não é a creança que representa a photographia.

Nº2 - É Antonio, natural de Ulungo Alto, que de lá veiu em creança como escravo para Loanda onde se empregava como carregador de machila. Entrou no numero dos 12 contractados para a Expedição. Rapaz forte e destimido, tornava-se muitas vezes perigoso porque perdia a cabeça principalmente se bebesse garapa. Para marchas era explendido, acompanhava a typoia embora em 9 a 10 horas de marcha seguidas e mesmo em 2 ou 3 dias successivos. Era um dos que mais supportou a falta de alimentos. De farda ingleza e com o armamento do Chefe - o que usava sempre que o acompanhava em marcha é como se retratou.

Os Nºs 3 e 4 É o nosso homem como se vê, o cosinheiro do pessoal superior da Expedição Fernando contractado em Malange onde vivia ha muitos annos, mas filho de Cassanje e já acostumado a viagens no interior. Fez parte das nossas forças nas guerras de Cassange e soffreu bastantes privações porque foi um dos expatriados para o interior terras do Capenda.

Carvalho

Est. nº 3

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº1 - São duas praças de Caçadores Nº3 de Ambaca, o da direita é o Nº 54 soldado espirituoso entre os seus Companheiros que nunca estava triste e era um grande marcante nas suas danças. O da esquerda é o Nº18 cabo da força. Este Sera maniaco pelas vozes do commando a ponto de querer que sua companheira o, comprehendesse e immediatamente executasse as vozes d'elle. Muitas vezes acompanhava-a ao rio para a ajudar a lavar roupa ou buscar agua, obrigando-a a marchar e contramarchar Alto por tempos.

Nº2 - São dous rapazes da commitiva do potentado Quissongue e que foram encontrar-se com a Expedição na Estação Serpa Pinto, Capello & Ivens no Camungula.

Os grupos Nºs 3 e 4 - São rapazes Quiocos que estiveram com a Expedição por vezes entre o Luatxímo e Luembe - eram freguezes dos nossos acampamentos e vinham de 3 e 4 dias de viagem com mantimentos para venderem.

Wde Carvalho

Est Nº 4

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4.

O Nº1 - É um Lunda, porem foi em creança para o poder de Bangalas na margem direita do Cuango e já se diz Bangala.

O Nº2 - É um rapaz que foi como escravo ha annos para o Concelho de Malange e de lá veiu contractado ao serviço da Expedição como carregador. Vive em companhia d'um irmão, homem já de edade que foi buscal-o a uma povoação em terras de Ndala Quissua. É atrevido e intrujão ao mesmo tempo que cobarde e hypocrita - Estabelecia a intriga, porem collocando-se sempre de fóra. Tornou-se conhecido em pouco tempo, e por isso mesmo pouco valiam as suas artimanhas e facil foi dar-lhe a importancia que merecia, desmascarado entre os seus companheiros.

O Nº3 - É Lunda, veio d'alem de Quipaca terras de Quibundo, ainda muito creança foi para Loanda como escravo e nunca mudou o nome que tinha Cabuita. Tambem foi um dos 12 contractados em Loanda para o serviço da Expedição e recebeu como os outros 36500 reis de avanço e 3000 rs por mez alem do equivalente e outro tanto de rações, até que fizesse parte da Expedição.

Póde dizer-se que o unico defeito deste homem era a superstição dos feitiços. Bebia de mais; porem a bebedeira só dava-lhe para procurar a cubata e deitava-se - Não implicassem com elle, que elle não se importava com pessoa alguma - Era obdiente e trabalhador bastante já na construcções das Estações, já no transporte de cargas principalmente na epocha das maiores crises - Foi um dos que esteve bastante doente, mas a sua constituição era boa e por isso andava sempre.

O Nº4. É Bangala filho de Cambolo Cangonga, que já conhecemos pelos seus amores com Cabuiza filha do Muatiamvua Mutéba e que a Expedição encontrou no Caungula - Elevado este a Anguina Banza foi elle intitulado entre os Lundas de Xanibanza.

Na Estação "Conde de Ficalho" a pedido do Muatiamvua, foi o cazal para a Estação porque os fidalgos da Lunda pretendiam sequestrar Cabuiza e isso deu logar a scenas de ciumes em que o prejudicado era sempre elle por não ser Lunda.

A Expedição teve de o proteger por seu pae ser leal ao governo portuguez (afilhado do fallecido Major Salles Ferreira) e elle achar-se entre extranhos, sem recursos e outras esperanças que não fosse a restituição do resgate da sua bella Cabuiza, porque até os patricios não viam bem aquellas ligações e eram os primeiros a fazerem-lhe exigencias e a intrigal-o com os Lundas. Prestando alguns serviços á Expedição a ella se aggregou e seguiu até á Mussumba, sempre na esperança de se lhe pagar as despezas feitas com a filha d'um Muatiamvua - e lá ficaram ambos.

[illegible]

Est nº 5

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

Nº 1 - A frente do edificio das officinas das obras publicas de Loanda em construcção no Largo de Pedro Alexandrino, é o primeiro á beira mar. Hoje está muito mais adeantado e por dentro está quasi concluido. É uma obra de 1ª ordem e que honra o director da construcção e Chefe das mesmas officinas o Snr David de Moraes Sarmento.

Não é possivel em tão pequeno espaço dizer-mos tudo quanto conhecemos deste tão util como importante estabelecimento que conhecemos desde a sua origem e cuja iniciativa se deve ao mui intelligente e habil official de engenheria, director das obras publicas da provincia e dos estudos do Caminho de ferro de Loanda a Ambaca o Snr Manoel Raphael Gorjão, e por isso nos limitamos ao que d'ella deixamos exposto para acompanhar a photographia.

Nº 2 - É mais uma vista de Pungo Andongo, continuação d'uma serie de penedos que o tempo vai desbastando superficialmente, e formando mesmo sulcos importantes das aguas das chuvas.

Custa a crêr que esses monolithos naturaes já estivessem cobertos pelas aguas d'um rio como alguns pretendem, porque então a acção das nascentes mais se teriam feito sentir, no sentido transversal, o que se não vê.

J. de Carvalho

Cart. N.º 6

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

Nº 1 - É um Lunda da margem direita do Casai, cacuáta ao serviço do fallecido Mucanza governador de Matabá. Mema-tundo se chamava este e é um homem socegado e muito acostumado a viagens ao Cuango onde entre os principaes d'Ebanza da margem direita conta muitos amigos e nas commitivas d'estes se encorpora muitas vezes, guiando-os de modo a chegarem a seu destino no interior sem que haja novidade.

O Nº 2 - Foi soldado d'um dos batalhões de caçadores d'Angola, que serviu por muito tempo em Benguella e Mossamedes tornando-se aqui depois patrão de barcos de pesca. Um dia lembrou-se d'ir para o Cuango, margem direita, terra de Mona Samba. Na Estação Costa e Silva apresentou-se elle á Expedição, e pediu para o admittirem ao serviço da mesma como piloto da nossa canôa. Foi um dos que foi á Mussumba e lá pelo seu viver abusando das intemperias do tempo, constantemente dormindo ao sol e chuva só para não fazer cubata e mau passadio por não procurar como os seus companheiros mantimentos - adoeceu gravemente tornando-se anemico. Só tarde se teve conhecimento do seu estado e conseguiu-se melhoral-o consideravelmente.

Nº 3 Era filho de Cassanje que em pequeno foi como escravo para Loanda e ali se tornou depois carregador de machila, tambem é um dos contractados pela Expedição. Tres mezes depois de regressar a Malange morreu.

Nº 4 - É Lunda veio de 7 a 8 de Quimbundu como escravo para o soba Nbango junto á Villa de Malange foi um dos carregadores de typoia da Expedição. É rapaz ainda novo e um dos que andava bem.

H. Carvalho

Estª nº 7

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4.

Nº1 É um irmão de Iauvo que o acompanhou por algum tempo na sua immigração e depois foi estabelecer-se nas terras de Muata Cumbana ainda seu parente e onde ganhava a vida pelo officio de ferreiro. Tem a seu lado o filho mais novo. - Está vestido com o seu trajo mais rico, uma casaca com gola e canhões bordados a ouro e tem suspenso ao pescoço o seu tsibeletxia Mzambi feito pela Expedição, de baeta encarnada ornado com galões dourados e lantejolas, tendo n'uma rozeta um crucifixo de metal.

O grupo Nº2 - É um Muana Angana potentado importante do Lugtsimo.

Nº3. São tres ambaquistas com os seus melhores fatos e que andam em visitas pelas cazas dos seus conhecimentos.

Nº4 É a companheira do primeiro interprete da Expedição, Lunda que viveu muito tempo com aquelle em Quibundu no Lubuco e com os Quiocos era esta quem muitas vezes lembrava ao seu companheiro muitos termos uzados entre aquelles.

H. C. Carvalho

Est. N.º 8

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.

O Nº 1 - É a Estação "Paiva de Andrada" em Camaú junto á margem esquerda do Luii - É terra do Hollo a que o Jagá Ndalla Quissua ainda considera nos seus dominios - Ha aqui uma grande quantidade de sobas e sobetas e entre os primeiros Mbungo e Nguvo que disputam entre si, na ausencia um do outro, qual d'elles é o verdadeiro senhor da terra, dizendo mal um do outro, em quanto que avistando-se todos os suppoem bons amigos. Dois velhos ambiciosos, insolentes, atrevidos e muito sujeitos; um apparece montado n'um preto e outro de typoia, só para mostrarem sua grandeza.

A vista Nº 2 - É da residencia do Chefe de Casengo.

Era este, o actual major Padrel que seu nome deixou ligado a bastantes melhoramentos.

Na occasião o Chefe da Expedição ja preparado para seguir, agradecendo-lhe e a sua Exma familia em nome da Expedição a boa hospitalidade que na sua caza recebeu.

A Expedição está á esquerda com a sua bandeira e porque o sol fosse muito forte, se tirou uma outra photographia, sendo mais bem escolhido o local para o grupo que se desejava tirar.

H de Carvalho

Est. nº 9

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

As raparigas N.os 1 e 2 - São de Mataba já pertencentes ao Caungula potentado á quem do Luembe e que por estar limitando com Mataba e ter gente de lá nas suas terras o vulgo lhe chama Caungula de Mataba.

N.º 3 - É o grande Quibolo 2.º Caungula vulgo de Mataba. Este potentado antes de elevado a esta cathegoria foi grande negociador. Lá está com o seu grosso lucano distinctivo no braço esquerdo e mucuali (faca) de baixo do braço. A Expedição manteve com elle e sua gente boas relações e d'elle obteve excellente gado vaccum e suino que não era inferior aos bons de Portugal.

O N.º 4 É Muana Angana Guiéssa, Quioco, homem já velho, alto e bastante calvo. A elle deve a Expedição um bom numero de esclarecimentos geographicos, historicos e linguisticos. Era considerado um bom cirurgião (adivinhador) por todos, foi chamado pelo seu velho amigo Tanvo ao Caibango não só para o consultar em negocios particulares mas tambem para lhe fazer remedios para elle e os seus não serem attacados durante a sua viagem para a Mussumba. Acompanhou o Muatianvua Noéji quando rapazes á caça de elephantes e em que um e outro foram considerados mestres.

Carvalho

Est. nº 10

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Os N.os 1 e 3 - São irmãos do principe Quioco Mona Quissengue, ambos o acompanharam quando elle veiu ao Camungula de Mataba conferenciar com Xamadiamba e Expedição sobre assumptos do Estado da Lunda. O N.o 3 já tinha vindo antes como seu representante á Estação Conde de Ficalho cumprimentar Mucanza Puto. Este rapaz desempenhou bem o seu papel, tratando do assumpto de que vinha incumbido perfeitamente.

O N.o 2 - É um representante de Muata Cumbana que veiu com 30 homens armados para fazer a guarda a Xamadiamba na sua viagem para a Mussumba.

O N.o 4 Era o tocador do tocisanje de Xamadiamba; quando o Muatiânvua come ou bebe, fora do recinto em que elle está, apenas d'elle separado por uma divisoria o tocador faz-se ouvir para bom proveito de seu amo.

HdeCarvalho

Est. N.º 11

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2.

A vista Nº 1 - margem direita do Cuanza, dessa bella via fluvial que permitte a navegação até á Villa do Dondo.

A vista Nº 2 - é o porto de Loanda, donde sahe na occasião o Vapor "Serpa Pinto" e n'elle seguiu a Expedição para o Dondo na madrugada de 11 de junho de 1884.

Ho Carvalho

Est. nº 12

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Qualquer dos dous grupos é de Loanda. No primeiro distingue-se bem a creada (á esquerda) da ama (á direita); a criança é filha d'europeu e da ama.
O grupo Nº 2 são as filhas do fallecido geral Gamboa de tanta nomeada pela sua elegancia.

Já vestiram á europeia, mas na verdade ellas conhecem quanto mais agradam vêl-as trajar á nacional e preferem.

M. Carvalho

Est. N.º 13

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

N.º 1 - O typo que está agachado é um filho d'um Muatiânvua, caçador, que ficou maneta do braço esquerdo por lhe ter arrebentado uma lazzarina quando atirava a um elephante - Bom homem, tambem expatriado e que veio reunir-se a Janvo logo que soube da sua passagem pelas suas terras para seguir para a Mussumba.

N.º 2 - É um Muana Angana Quioco e seu companheiro que vieram da sua terra margem do Caiumbue, cumprimentar Ucuxe Puto e Muatiânvua e offereceram-se a este para o acompanhar com a sua gente á Mussumba.

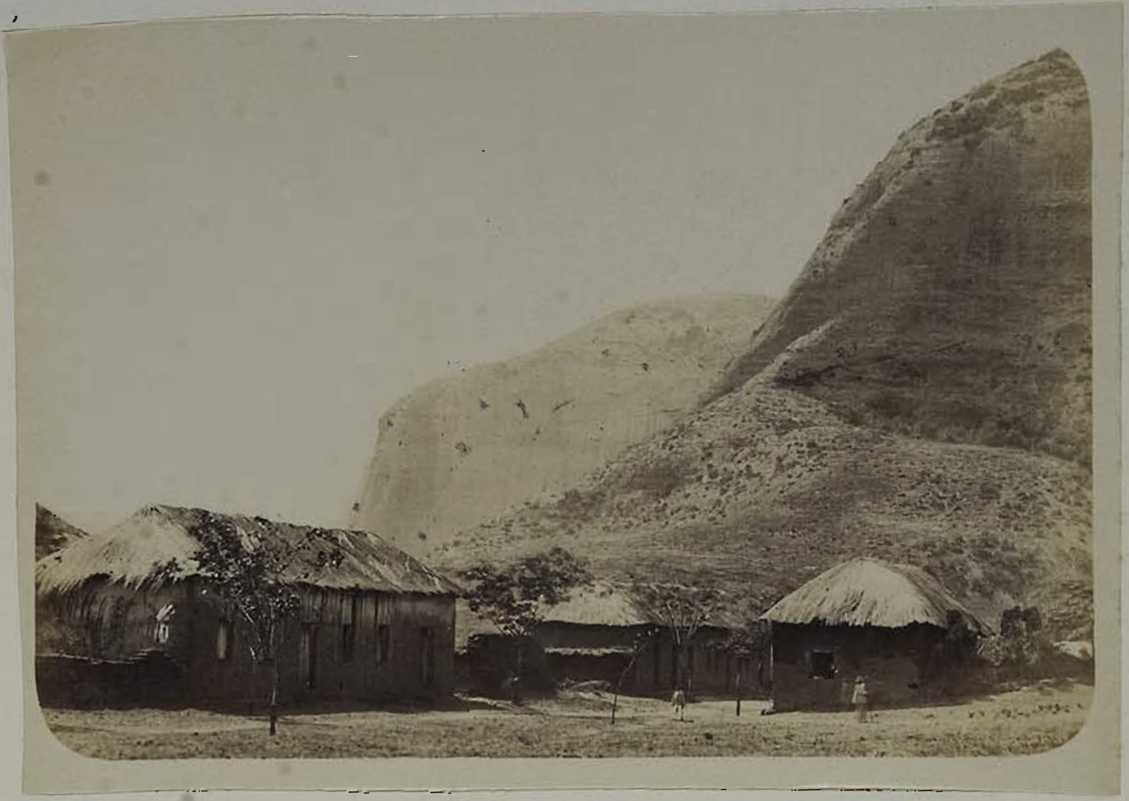
O N.º 3 É um grupo de Lundas que pertenciam a Janvo.

O N.º 4 - É um preto alto descendente de um soba de Malange que dá Jaga p.ª Cassange - Fez parte da Expedição como cabo dos carregadores, e prestou bons serviços tendo ido em Commissão de serviço á Mussumba onde lhe deram de presente as 3 raparigas que tem junto de si. Regressando a Malange com a primeira parte da Expedição, voltou novamente ao Cassai com recursos para os restantes - No regresso a Malange, foi baptisado com o nome de H. de Carvalho, sendo seu padrinho o Chefe da Expedição a quem acompanhou ao Dondo.

H. Carvalho

Est. n.º 14

N.º 1



EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 2.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

A vista Nº1 - É de Pungo Andongo, arredores da villa, a qual fica no recinto fechado por esses gigantes monolithos rochosas de um grés vermelho, que pelo seu aspecto - se apresentam como obra antiquissima.

As cubatas são de paredes de adobe e as coberturas ainda de capim secco, o que já bem se podia substituir por telha fabricada nos concelhos visinhos, quando alli se não fabricasse pois ha recursos para isso.

A vista Nº2 - É do terreiro da caza da vasta propriedade agricola Prototypo do fallecido Abilio Soares. Entre o terreiro e a linha dos armazens e cazas de machinas la segue a extensa e larga rua de palmeiras tão affamadas e que tem de extensão 5 kilometros. Mais se lhe podia chamar estrada pela sua grandeza e aceio, mas ainda porque dá serventia ao publico.

O trabalho braçal é substituido aqui, por machinas a vapor - A Expedição recebeu na caza ao fundo do terreiro uma explendida hospitalidade.

Est. Nº 15

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

O Nº 1 - É o nosso Janvo, Muatiânvua em vestes usuaes quando não espera visitas - Vê-se que está magro e pensativo, porque os negocios não lhe correm como elle deseja. e muitas tem sido as contrariedades que este homem tem soffrido. Vive n'uma inacção e diz-se que o mesmo succede com qualquer Muatiânvua, porque não podem affastar-se da sua residencia se não em marchas ou a qualquer visita.

O Nº 2. É filho de Loanda e tambem um dos contractados pela Expedição. Como soubesse tocar harmonica era muito querido das damas. Amiudadas vezes alg's potentados o mandavam chamar e com elles comia e bebia. É um rapaz habil e curioso.

O Nº 3 - É um Quioco companheiro de Quipoco e que já tem feito muitas viagens a Benguella com comitivas de negocio seu e d'aquelle. Traja sempre assim, diz elle que depois de ter ido a Benguella a primeira vez nunca mais uzou pannos, e que todos os homens de negocio deviam andar como elle

O Nº 4 - É o Cacuáta Mena Tundo que o Muáta Mucanza mandara vezes antes de o matarem em negocio ao Caungo e o encarregara de avisar Janvo no Caxásha para avançar para a Mussumba, pois na Corte o esperavam para tomar conta do Estado.

H. de Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

Nº1 É um grupo d'instrumentos que uzam indistinctamente os povos que vivem nas terras da Lunda. Suspensos estão á direita o taisanje um taboleiro com os seus ferrinhos em que tocam com os pollegares de ambas as mãos e sobre uma cabacinha para obterem melhores sons, é instrumento que manejam mesmo em marchas; e o mais pequeno é o Musacaia com que acompanham o tocador do taisanje. Em baixo o que está á direita é o tainguro instrumento de pancada feito d'uma só peça de madeira escavada a ferro pela estreita abertura que se vê superiormente (agora á frente). Uma especie de botão que se vê a meio proximo da abertura é borracha e do outro lado tem um signal ... Ahi se bate com uma maçaneta tambem de borracha. O tocador tem uma em cada mão e toca ao mesmo tempo de ambos os lados em toda a face, tirando sons mais baixos sobre os botões - Fazem d'aqui seu telegrapho - Ouve-se 2 ou 3 horas de distancia conforme as altitudes. Do outro lado quasi em pé está a Ngoma de guerra. É ôcco tendo uma pelle superiormente em que tocam batendo com ambas as mãos - Tambem lhes serve para as danças, escarranchão-se n'elle tendo a parte superior para cima e conservam-na nessa posição suspenso ao pescoço. Ha-os de differentes formas mais ou menos elegantes - e tambem mais ou menos ornados, gravuras que fazem com as suas facas. - Ao centro está uma outra Ngoma, mais pequena com pelle de ambos os lados e esta suspende-se pelos aros ao pescoço do tocador que toca com cada mão em seu lado. Chamam a este Adicubili.

Nº2 É um rapaz Lunda caxalapoli de Ianvo com o seu porta flexas suspenso ao hombro esquerdo.

Nº3 São dous rapazes Lundas tendo o que está de pé de baixo do braço o seu sápo especial de maleta de cabana; e o sentado a liamba que fumam.

Nº4 É Paulo o director da comitiva do Congo. Tem a seu lado as suas raparigas por quem tanto soffreu. Por tres vezes lhe tem fugido, porem na ultima vez a sua Maria aquella está á esquerda foi mais fina, ligou-se a um Quioco e quando este lá foi com fazenda para a resgatar não só lhe ficaram com ella mas ainda troçaram d'elle, e mais tarde a outra sua companheira foi-lhe roubada e a Expedição no seu regresso encontrou-a no sarralho do Caungula de Mataba.

H. de Carvalho

Est. nº 17

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista Nº1 - despede-se a Expedição do Chefe do Concelho de Casengo o major Padrel e de sua familia. A residencia do Chefe e administração do Concelho é o edificio a branco - Nella esteve na ala esquerda hospedada a Expedição e na verdade a hospitalidade que ali recebeu foi explendida. Da Padrel, esposa e mae a Expedição conserva gratas recordações. - Padrel, foi um bom chefe d'aquelle concelho e lá deixou seu nome vinculado a bastantes melhoramentos. Pelo que respeita á Expedição foi elle um grande auxiliar para que sua numerosa carga fosse transportada do Dondo para Malange.

A vista Nº2 - É uma propriedade do conhecido negociante de Malange Custodio José de Souza Machado, Tem sido nesta casa onde se tem hospedado varios exploradores estrangeiros - Ali fomos encontrar em 6 de julho de 1884 o Tenente Wissman e seus companheiros que lá estavam desde janeiro organisando o seu pessoal de carregadores para o Lubuco. Duas esplendidas mangueiras formam alinhamento á frente com o lado direito da casa e limitam a estrada que vai para o Ginji e Guissole a 15 kilometros de distancia. Aquella casa sendo talvez a mais antiga da villa ainda hoje é uma das melhores. A sua residencia é mais ao centro da villa, lado direito da grande e larga rua, parte da qual se vê a frente da casa a que nos referimos.

Carvalho

Est. N.º 18

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

N.º 1 - É um grupo de Tumba ou Tuluba em terras de Taibango.

N.º 2 - É um boi cavallo em que montava o ajudante da Expedição e fez viagem até á estação Serpa Pinto, Capello e Ivens e voltou com o grosso da Expedição para Loanda onde está na Capitania do porto. Era intento da Expedição offerecel-o ao Jardim Zoologico, porem por causa da despeza lá ficou em Loanda.

N.º 3 - É uma rapariga de Pungo Andongo em vestes de galla, é um esplendido typo com feições não inferiores ás europeias.

N.º 4. Dous typos os mais selvagens, que fizeram parte da Expedição, são do interior da Lunda e o outro de deante pouco distante da margem direita do Cuango Felippe e Ricardo - dous homens resgatados a quem se deu a liberdade, porem elles teem a sina de serem toda a vida escravos. Fugiram e o de traz por ser a isso acostumado tres vezes foi agarrado, tres vezes foi vendido - Certamente será a quarta, notando-se que já duas vezes logrou chegar a terras portuguezas. Eram dignos de melhor sorte, porem só se podem queixar da sua sina.

Mcarvalho

Est. nº 19

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4.

Typos de Quiocos - quatro bons bustos para as comparações pelas feições e robustos como os de outras tribus. São individuos sem importancia social e porisso nada diremos sobre elles.

V. de Carvalho

Est. N.º 20

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.

A vista Nº1 - É' a que ficava á nossa frente no Valle das Amarguras a que denominam os negociadores Camáu do riacho que fica abaixo e perto do nosso acampamento.

Grande era o horisonte que se descobria donde estavamos e creio que porisso se deve á salubridade do local pois foram variadissimas as intemperias do tempo a que estivemos sugeitos.

Quando fallarmos do nosso acampamento m.to alg.a couza diremos sobre a localidade.

A Nº2 - É' do rio Cuilo proximo á Estação "Cidade do Porto" em terras de Casása quilolo do Muatiânvua. Temos occasião de fallar deste potentado porque conseguimos tirar sua photographia.

Foi aqui, onde encontramos Janvo chamado pela corte para tomar posse do lugar de Muatiânvua e de quem fallaremos mais vezes.

As margens d'este rio são bastantes pantanozas e mesmo perigozas para o viandante porque a agua cobre muitos olheiros e alem o terreno em partes é demasiado balofo. - Muitos de nós nos enterramos ate para cima dos joelhos e com difficuldade e com auxilio d'outros conseguimos sahir dos atoleiros.

H. de Carvalho

Estp. 21

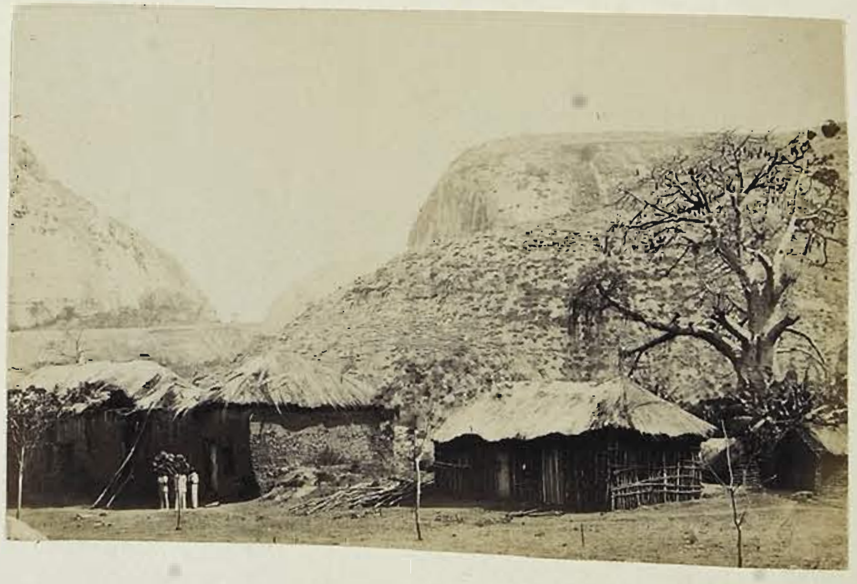
EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4



O grupo Nº1 - É de Lundas, compõe-se do velho cacuáta do Muatiânvua, Xaquilembe que veste uma farda de sargento do Exercito britanico seu filho e o immediato Muádiata que vieram a Cassange a negocios e foram visitar a Expedição a Malange. Foram estas visitas quem nos deram noticias de ter sido morto Muatiânvua Xanama e seu successor Xibango e das más circumstancias em que iamos encontrar as terras da Lunda pelos conflictos que n'ellas estavam levantando os Quiocos - Foram bem recebidos pela Expedição durante 10 dias que permaneceram em Malange. Prestaram-nos bons serviços, pelo que foram contemplados com as fardas com que se photographaram.

Nº2. É a familia do Ndála Quiguangue subdito de Ndála Quissua, no sitio onde se estabeleceu a nossa primeira Estação 24 de Julho - a qual se estava construindo na occasião e lá se vê ao fundo prompta a revestir de capim. A Expedição manteve tão boas relações com esta gente que obteve carregadores em boas condicções para auxiliarem o transporte de cargas para Ndála Quissua.

Nº3 - É da povoação do referido potentado e onde foi hospedada a primeira secção da Expedição emquanto se não construiu a Estação. Nesta casa foi recebida a Expedição allemã o melhor que nos foi possivel e o Chefe d'ella tenente Wissimann assim o fez constar agradecendo a boa hospitalidade.

Nº4 - É uma das entradas da villa de Pungo Andongo; porem d'ali ao centro povoado, a distancia é ainda grande.

Carvalho

Est nº 22

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

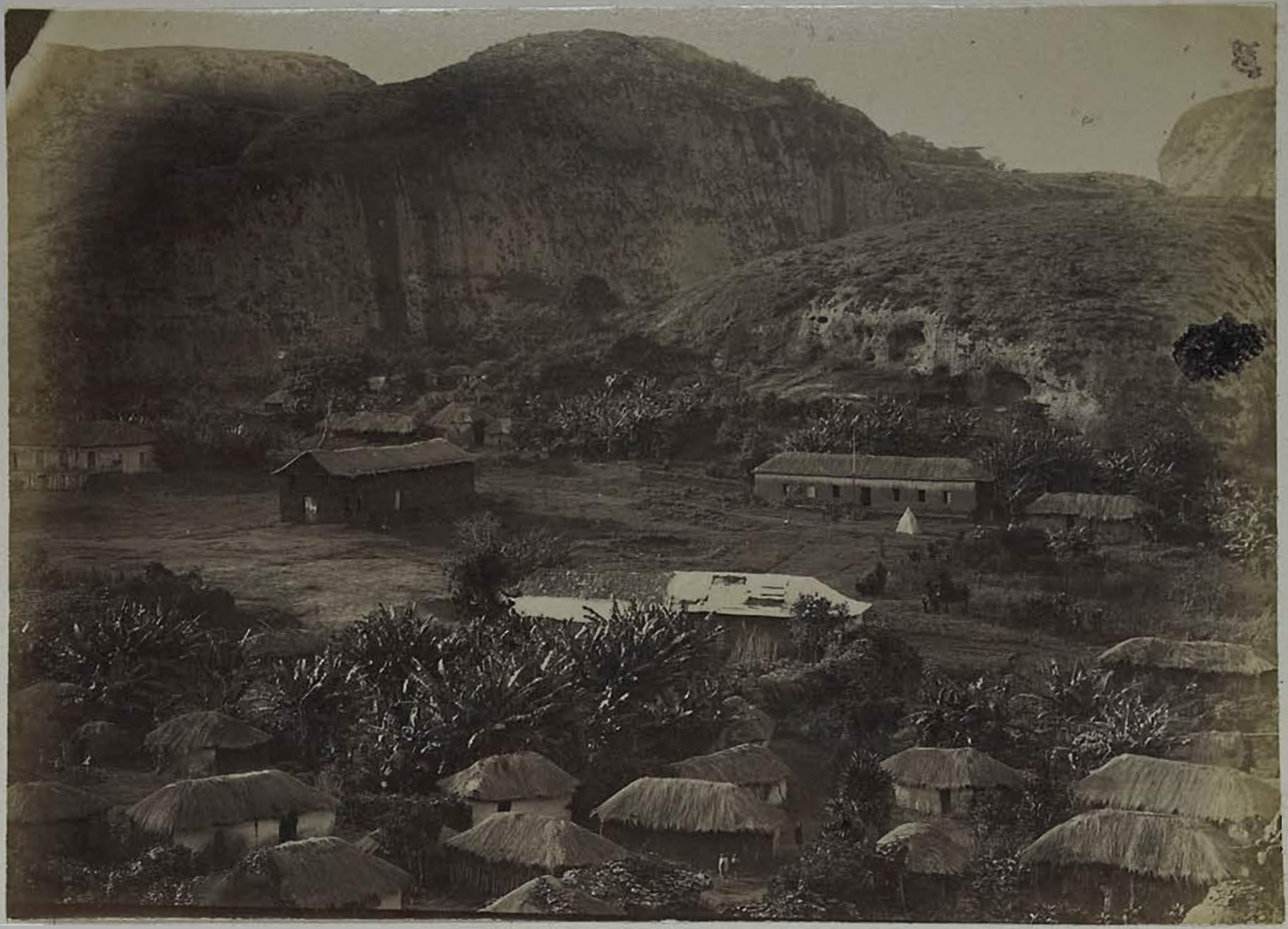
Neste quadro apresenta-se em differentes posições Janvo filho de Muatianvua Noéji que foi Suana Mulopo de seu primo Muatianvua Muriba e lhe devia succeder, porem havia-se expatriado nos ultimos annos da vida d'aquelle. Tendo Xanama tomado conta do Estado fel-o perseguir de morte pelo que elle retirou para áquem do rio Uxhamba em terras de Cafunda sempre occulto ás vistas dos Lundas. Reinou Xanama sempre odiado pela côrte que anciosa esperava apparecesse Janvo, porem este acabrunhado e conhecededor digo e conhecedor das intrigas da mesma não pensava em voltar. É descoberto o logar em que elle estava e principiou apparecerem-lhe portadores para que fosse occupar o seu logar porquanto todos o desejavam. Succedem-se os pedidos durante os annos de 1881 a 1884 em que reinaram mais dous. Muriba seu irmão mais novo sabendo do descontentamento da côrte com os potentados que se succederam a Xanama e que todas as deligencias para se apresentar Janvo eram inuteis apresenta-se com Quiocos e auxiliado pelos Lundas do Lulua e lá conseguiu entrar. Tambem não agradou e resolve-se Janvo a seguir. No caminho um dos grandes ilolo recebe-o já como Muatianvua e ali se procedeu logo á primeira ceremonia da lucano distinctivo na perna direita e de toda a parte recebe embaixadas dos grandes potentados da Lunda áquem do Casai e forças armadas para o acompanharem. Está vestido com o trage de galla um uniforme com guarnições vermelhas ornadas, gola, peitinho e canhões a galão fino de prata dourada, chapeo armado, dragonas de cacho e espada de general. O chapeo ficou cahido para traz por causa do seu Heinhe de latão que era fixo no chifre porque era completamente calvo. No N.º 1. está vestido de forma diversa. Saia de baeta azul guarnecida a galões dourados, Camiza branca, capa de baeta encarnada e tambem guarnecida com galões. polainas feitas pelo mesmo gosto. E na cabeça o seu Heinhe de metal e bordado de missangas.

H. Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Est. Nº 23

Nº 1



Nº 2.

Ainda nesta pagina temos duas vistas de Pungo Andongo, porem agora vê-se em ambas, a Villa antiga e se pode bem calcular da altura das pedras negras chamadas.

O clima aqui na verdade é saudavel e o seu terrão abençoado, ahi se obtem boas hortaliças e fructas do paiz, e tambem pelos bons pastos que ha em redor da Villa os gados não são inferiores nas suas bellas carnes as que temos em Portugal.

Ja foi bom o viver aqui; porem hoje o negocio que vem do interior tem-se affastado por isso a frequentou as boas cazas commerciaes, razão porque a Villa hoje está em decadencia.

A Expedicão na descripção da sua viagem, faz muitas referencias a esta Villa e por isso ficamos por aqui.

M. Carvalho

Ed nº 2

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

Nº 1 - É uma armadilha que se arranjou para se apanhar uma onça; porem não foi possivel apanhal-a. Esta armadilha serviu muita vez de prisão aos que commettiam faltas d'alguma gravidade. A pedido dos potentados tambem lá estiveram alguns dos seus que precisavam d'um correctivo.

Nº 2 - São as cubatas que se costumam arranjar á pressa em viagem para descanço d'uma jornada e onde se dorme uma ou duas noites. Os nossos quimbares a estas cubatas chamam-lhes fundinhos, e o indigina mucanda.

Nº 3 - É por assim dizer a chegada a um acampamento - os carregadores fatigados seguem pelo caminho mais curto para o rio proximo para beberem agua depois de largarem as cargas no local em que se hade construir o acampamento. Elles lá seguem por entre o capim.

Nº 4 É a vista d'uma parte da Estação Luciano Cordeiro no Caungula que tem uma discripção especial.

M. Carvalho

Est. Nº 25

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº 1. É sobrinho de Xamadiamba e netto de Muatiamvua Noéji, fugira de Mataba logo que se deu o ataque ao governador Mucanza e quando teve a certeza que Xamadiamba estava no Luatafimo veiu apresentar-se-lhe.

Nº 2 É Lunda irmão do Canapumba do Muatiamvua.

Nº 3 É Cabuiza, Lunda que foi mandada apresentar a Xamadiamba no Cásasa por Caungula. É uma das victimas que a Expedição conseguiu salvar da morte pelo crime de feiticeria na pessoa da muari do Muatiamvua segundo diziam os advinhadores. Quando a Expedição regressou era commovente ver esta rapariga abraçada ao Chefe da Expedição demonstrando quanto tinha sentido a noticia que correu da sua morte e do que padeceu depois que a Expedição havia regressado com Xamadiamba para o Caungula. - A minha vida dizia ella - devo-a a Muene Puto, resgate-me e leve-me para as suas terras que eu serei sua humilde serva e lhe pagarei o que devo com a minha gratidão - Não me deixe aqui, porque agora como retira decerto me matam. Altas deligencias se empregaram para se resgatar; porem elles declararam terminantemente que a não matariam nem a vendiam, mesmo par que o Muatiamvua não queria desgostar os parentes d'ella porque eram dos seus mais affeiçoados na Côrte, e que por elle se empenhavam para que o Estado não tivesse outro Muatiamvua a não ser elle emquanto fosse vivo.

Nº 4 É uma das mulheres que fez parte da commitiva do Muana Muine que veiu ao Caibungo cumprimentar Muene Puto e Muatiamvua.

H. de Carvalho

6A N.º 26

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.

Tambem estas duas vistas são de Pungo Andongo e se vêem a uma grande distancia antes de chegar ao pé dos penedos a seu fundo.

Pelas construcções e arvoredos se calcula a altura que ellas tem em relação ao solo.

Lendas se contam dos taes penedos no tempo da Rainha Ginga que n'ellas se refugiou quando perseguida pelas nossas forças.

Tem-se affirmado que n'um d'elles, ainda hoje se distingue a pegada d'um homem. Pode ser que assim seja, mas é certo que seguindo a direcção indicada por tal pegada como a de uma marcha de homem, não se encontra mais vestigio algum da passagem d'uma pessoa.

M. Carvalho

Est. nº 27

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº 1 - É uma rapariga dos Quiocos. Foi uma das que fez parte nas danças que vieram felicitar Alves Porto pela sua passagem nas suas terras.

Nº 2 - É um Cacuata do Bungulo da margem do Luatxima e que com elle retirou quando aquelle resignou o Estado com seu primo Casumbo para a margem do Txicumbue em terras de Txibango.

Nº 3 - É das terras de Cambango que confina a E com as terras de Mona Mahango na margem direita do Chiungo. Era este um dos typos mais bôçaes ao serviço da Expedição.

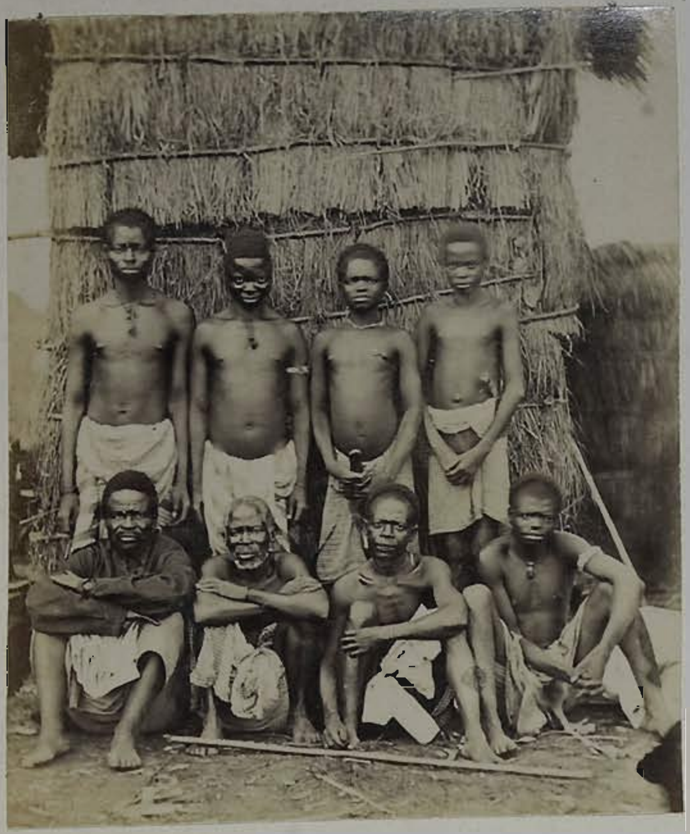
Nº 4 - É Xamadiamba com o primeiro panno que lhe deu a Expedição: era como elle andava no Casasa na sua melhor epocha. Este homem soffreu muitas contrariedades e falta de recursos durante a sua imigração. Era seu alimento no matto muitas vezes e em dias seguidos jinguba crua e duas cancas de malufo por cima. Nos melhores dias comia lagartos d'arvores seccos ao sol e cosinhados com infunde. D'elle nos occupamos em outros logares.

H. de Carvalho

Est. N.º 28

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1



N.º 2

N.º 3

N.º 4.

N.º 1 - É uma parte do resto d'uma Expedição do Congo que ha annos andava em terras da Lunda e de que era Chefe o que está sentado á direita Paulo - e acompanharam D. Miguel filho do Rei do Congo que morrera na Mussumba no tempo do Xanama. Estes homens foram encontrados pela Expedição no Caungula que se lhe apresentaram esfomeados e apenas cobertos com pelles pedindo protecção como vassallos de Sua Magestade o Rei de Portugal - Levaram muito negocio para a Lunda, mas no regresso foram roubados em differentes pontos.

No grupo N.º 2 a que se vê sentada na cadeira é a filha do Caxita [illegible] do que fora feito Canapumba na viagem de Janvo para o Estado e mais tarde foi morto á paulada por desobediencia e traição.

N.º 3 - É um grupo de raparigas e rapasitos Lundas da caza de Janvo e a que tem a capaia na cabeça veiu com a Expedição para Malange e ali se baptisou com o nome de Rosa e casou-se ao uzo do paiz com um carregador da Expedição.

N.º 4 - É um grupo de mulheres de Pungo Andongo que se fizeram retratar para destaque dos typos e trajes das mais que faziam parte da collecção da Expedição.

[illegible] Carvalho

Est. Nº 29

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

Apresenta este quadro duas ruas das principaes da Villa do Dondo. Causou surpreza á Expedição ver os melhoramentos importantes que encontrou nesta Villa em menos de 4 annos, honra ás Camaras Municipaes que tomaram a peito proseguir os melhoramentos iniciados pelo seu Facultativo o muito estimado Dr Collaço, quando prezidente aos negocios do Municipio. Duas bellas ruas, as cazas muito asseadas e devidamente caiadas. Pena é que o local na primitiva para a situação da villa fosse tão mal escolhido por que entre serras fica n'uma estufa tendo proximo o rio Cuanza com as suas evaporações que mais malsina o clima já difficil de supportar. A praça do Dondo era já muito importante e apenas uma ou duas casas se poderão considerar filiaes das do Commercio de Loanda. É notavel que até os generos de consumo se obtem aqui mais em conta do que em Loanda.

A vista inferior ainda se vê á frente um arame de lado a lado em que foram suspensos balões á veneziana para a recepção da Expedição no seu regresso. Todas as ruas por onde passou a Expedição estavam ornadas com arcos, e bandeiras e grande era o numero de balões e lanternas que as illuminavam.

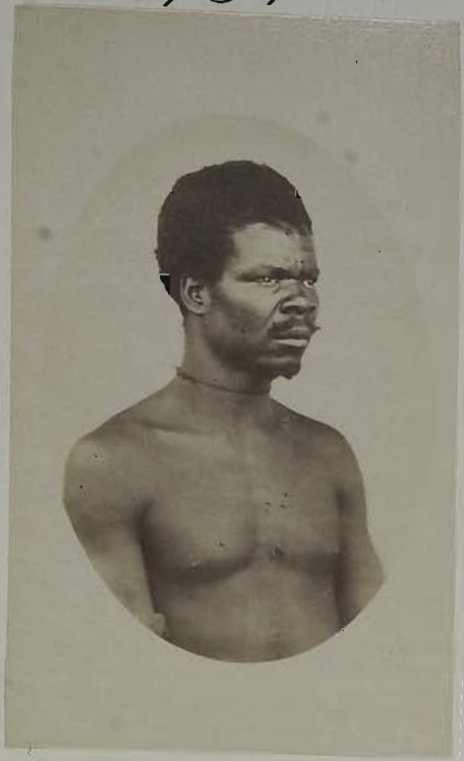
A Camara, Commissão dos festejos, Chefe do Concelho, Negociantes e a todos os Cavalheiros que tomaram parte n'estas festas o testemunho de quanto lhe é agradecida a Expedição, o que por emquanto só podemos consignar nesta occasião.

M. Carvalho

Est.ª n.º

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1



N.º 2

N.º 3

N.º 4

N.º 1 - É Domingos filho de Cassanje que tambem em creança foi para Loanda e ahi foi contractado pela Expedição com mais 11 companheiros para o serviço da mesma. Já d'elle fallamos e dos 12 que vieram de Loanda foi elle o unico que morreu.

Este foi victima de roubos mais d'uma vez sendo o primeiro horas antes de embarcar para o Dondo e por dó o Chefe da Expedição lhe deu nesta Villa um vestuario novo. Bebendo era um desgraçado implicava com todos. Afora isto era bom homem, socegado e trabalhador. Seus companheiros fizeram-lhe um bom enterro em Malange. Prestou bons serviços como carregador especialmente nas epochas mais criticas.

N.º 2 - É um Cacuáta da Lunda - Lá tem o seu distinctivo no alto da cabeça. A sála de pennas de papagaio e por isso lhe chamam Sála Calongo.

Pela sua actividade em marchas era muito empregado pelo seu Muatiânvua em deligencias a grandes distancias. É um bom typo de rapaz Lunda.

N.º 3 - É um bonito typo de mulher Lunda uma das que muitas vezes vinha vender generos á nossa Estação "Conde de Ficalho".

N.º 4 - É tambem Lunda, typo não inferior ao Cacuáta que já fallamos. Este tambem é Cacuáta. Estas auctoridades em deligencia tomam o titulo do individuo que lh'as manda executar e se este é o Muatiânvua apezar das más circumstancias em que se acha presentemente é ainda fugir d'elles principalmente em povoações, tudo é pouco para elles, e ái d'aquelle que lhe neguem comida ou bébida, porque então os roubos são certos e encontram sempre quem os auxilie em nome de quem os manda, quando não do Muatiânvua.

Carvalho

Est. nº 31

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4.

N.º 1 – É Mona Cangolo Quioco importante que prestou a Expedição bons serviços – Em tempos foi duas vezes a Malange – Bom caçador de elephantes. Foi este homem que guiou o fallecido Dr Pogge e tenente Wissman. Residindo o Quioco na margem esquerda do Luquengue. Esta Velle n'um ponto bom por ser entre Quiocos que o respeitam e presta-se a acompanhar negociadores recommendados por Mwene Puto

N.º 2 – É um Muana Angana potentado Quioco que se affastou dos maiores potentados para se livrar de exigencias, feitiços e outros incommodos. Tem a sua povoação na margem do Tchicapa – a melhor povoação que encontramos em toda a região que percorremos. Chama-se este Quioco e já tem feito tres viagens com negocio a Benguella e varias ao Lubuco. Veste calça de casimira branca com galão dourado que lhe deu a Expedição.

N.º 3 – Chama-se Guinguri e Bangala oriundo da familia de Muatiânvua

N.º 4 – É uma filha do Muatiânvua Muteba, mas uma heroina em amores. A sua historia dava para um bom romance na Europa. Ultimamente Muatiânvua Mucila quiz vendel-a como escrava aos Quiocos; porem ella raspou-se com uma Comitiva de Bangalas

Carvalho

Est. nº 32

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2.

Nº1 - É a Estação Ferreira do Amaral em Cafuxi na povoação de Lecca subdito do Jaga Ndála Quissua. É barreada por fora e por dentro - Um quarto ao centro e dois de cada lado. Foi dirigida a construcção pelo ajudante da Expedição capitão Aguiar, dispondo apenas de contractados e soldados e recursos da localidade.

A vista Nº2 - É d'um ponto no Luataimo margem esquerda e que ficava a 200 metros de distancia do acampamento da Expedição Marianno de Carvalho. Tristes recordações d'elle conservamos porque proximo da arvore a frente foi uma mulher victima da superstição e com a hilaridade do povo, recebeu a execução da sentença de morte a que a votaram os taes juizes e executadores Arimbaje. massacrando-a antes a faca golpeando-a aqui e acolá, ficando pedaços do corpo suspensos até que saciassem a popularidade e depois a lançaram ao rio quasi desfallecida, ficando ainda por infelicidade d'ella e satisfação dos circumstantes presa a um desses inumeros troncos que murgulham debaixo d'agua. A mulher porem, contribuiu muito para que a execução tivesse logar por quanto accusada por seu companheiro de enfeitiçar todos os filhos que tinham morrido, confessou ser verdade que era feiticeira e que pedia lhe perdoassem. O Muatianvua não lhe podia então valer, e só extranhos comprando aquella vida aos Arimbaje a poderiam salvar, levando-a para fora da Lunda.

Foi tal a rapidez com que a executaram que a Expedição não teve tempo para evitar aquelle repugnante assassinato.

M. Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº 1. Esta mulher é filha d'um porteiro do Canapumba era em creança escrava de Janvo. Foi a unica que se conservou fiel e sempre submissa companheira de Janvo em todos os seus 14 annos de expatriação. Janvo grato a esta mulher, fez questão quando o chamaram para tomar conta do Estado, que não iria sem que lhe fosse permittido fazer d'ella sua Muari - pois lhe devia a vida que tinha; sem ella teria morrido ao dezamparo - Ella conhecedora de tal gratidão abusando pelo ciume, conseguindo affastar todas as raparigas do pé de seu companheiro. Sempre desconfiada que lhe tirassem o logar que ella ambicionava fez passar torturas a Janvo porque os Ilolo queixavam-se amargamente d'ella. Está vestida com um panno de chita guarnecido a zuarte que lhe deu a Expedição para as grandes recepções de seu Janvo. As que estão a seu lado são 3 raparigas a seu serviço diario.

Nº 2. É um grupo de rapazes e raparigas da Lunda que depois de estarem filiados na nossa Expedição e da sua convivencia com gente da Lunda, Ambaca e Malange já trajavam d'um modo mais decente.

Nº 3. São mulheres de Quiocos com as suas cestas e cestinhos de fuba e farinha de milho para venderem. Esta gente vinha de longe; porem vinham contentes ao acampamento de Muene Puto, por saberem que n'elle encontravam boa fazenda e bonitas missangas para se enfeitarem.

Nº 4. É uma rapariga e um rapazito Lundas, pertencentes á casa do Muatianvua e que estão ao serviço da sua Muari.

Mogrovacki

Est. nº 34

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

A mulher que está no primeiro logar deste quadro foi mandada de presente ao Chefe da Expedição ainda em Malange pelo Canáta Muzoóli. Acompanhou a Expedição e está hoje proprietaria em Malange onde foi baptisada com o nome de Henriqueta.

O Nº 2. É José de Vasconcellos, filho d'um europeu que residiu muitos annos entre Malange e Cassanje. Este rapaz é empregado do negociante C. Machado e o fomos encontrar estabelecido na margem direita do Cuango a duas leguas de distancia da nossa Estação Costa e Silva. Prestou alguns serviços á Expedição n'aquella localidade. É um rapaz de poucos estudos, mas gosa de bons creditos.

O Nº 3 É o primeiro interprete da Expedição, um pouco claro, natural de Golungo Alto. Tem vivido muito entre os Bangalas, Songos, Quiocos, Lundas e Lubas; porem pelo muito que conhece estas linguas as confunde e não as interpreta bem no portuguez porque mal o comprehende.

O Nº 4 É um primo do 1º interprete e que mais tarde a Expedição teve de o admittir para o serviço de interprete por ter adoecido gravemente seu parente. Este homem tem transitado muito pela região Central para E. N. e S. É tambem digo é talvez dos chamados quimbares (negociador) quem mais tenha percorrido mais esta região, tem feito alguns negocios, porem tão infeliz que no regresso é sempre espoliado e chega a Malange esfomeado nú e esfarrapado. Assim succede tambem a seu primo e a muitos outros.

H. de Carvalho

Est. Nº 35

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA

Nº 1

Nº 2

No primeiro quadro apresentam-se os contractados de Loanda armados e promptos a seguirem do Dondo para o matto. O recinto em que se photographaram é o pateo da casa commercial da acreditada firma Bonsaúde & Cª, n'aquella villa, onde a Expedição foi explendidamente alojada durante 4 dias.

A vista Nº 2. É parte da frente da vasta Estação "Luciano Cordeiro" no Caungula ainda em construcção. A casa ao centro em que se vê o portico foi destinada para recepção de visitas e casa de escripturação, a seus lados foram estabelecidos os armazens das cargas; e seguiam-se para o fundo varios alojamentos. A' frente e á direita da Estação ficaram os acampamentos de carregadores e á esquerda a Mussumba do Muatiamvua, d'ella separada por uma larga rua que ia direita á residencia do Caungula tendo de extensão 1200 m a que se denominou Rua D. Luiz 1º. A' frente da Estação corria uma outra não menos larga que ia até ao rio Masai a que se deu o nome "Estrada D. Maria 2ª." Entre esta e a frente havia uma ampla meia laranja onde estava collocado o pau da bandeira. As casas eram de boa altura, mas revestidas interior e exteriormente ao uzo do paiz - capim secco.

Aqui se fez um tratado de amizade e commercio com o potentado e se deu hospitalidade aos restos d'uma demorada e expoliada Expedição do Rei do Congo e a comitivas importantes de Bangalas, e ainda a pombeiros de negociantes de Malange e Pungo-Andongo.

H. de Carvalho

Est. Nº 36

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº1 - É um Lunda (palhaço lhe chamamos nós) a quem chamam quando assim mascarado Mafua mungoio - Um advinhador de doenças - Lá tem na mão o Luzeze com que acompanham Tona lenga lenga a quem o chama para conhecer os seus males e curtal-os.

Nº2 É um Caçador Lunda.

Nº3 - É um quilolo do Muatianvua com os seus rapazes. Txibango se chama elle e é senhor d'um porto do Tximbue affluente do Luembe e ambos do Cassai onde os povos ali lhe chamam Nzaire. A povoação é bonita e fica a 4 kilometros áquem do Rio - Entre esta e o rio foi onde se estabeleceu a Estação Conde de Ficalho. É pobre e o seu dominio é pequeno. Os rapazes lá estão com o muuali (faca) na mão, banda de couro a tiracol, arco e flexas, consideram-no um bom caçador de elephantes.

Nº4 É d'um Muana Angana Quioco que veiu com os seus dous companheiros n'uma embaixada a Xanadiamba na Estação Serpa Pinto, Capello e Ivens no Camungula de Mataba margem do Luembe por mandado do principe Muna Quissengue.

H de Carvalho

Est. Nº 37

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRIC

Nº 1

Nº 2.

Nº 1 - Vapor "Serpa Pinto" da companhia do Cuanza e onde a Expedição seguiu para o Dondo na madrugada do dia 10 de julho de 1884. Ora por teve dois encalhes sendo o maior de perto de 24 horas e logo depois de deixarmos Muxima e no dizer dos contratados de Loanda - por culpa do seu commandante não os deixar ir á Egreja entregar a Nossa Senhora da Muxima vélas e vassouras que lhe levavam para lhes conceder uma boa viagem.

As offertas que lhe levavam foram entregues ao Snr João Rebello, agente da caza ingleza no Dondo que depois lá as fez entregar.

O vapor "Serpa Pinto" foi feito especialmente para carga e por isso não tem as accommodações indispensaveis para passageiros, e na verdade para uma viagem de alguma démora como a que teve a Expedição, torna-se fatigante mui principalmente por cauza do calor e mosquitos.

Nº 2 - Vista do acampamento da Expedição no Valle das Amarguras proximo ao rio Camaú affluente do Urhamba. Se não fossem as comitivas de Bangalas e outros que por ali passam podiamos dizer um dezerto.

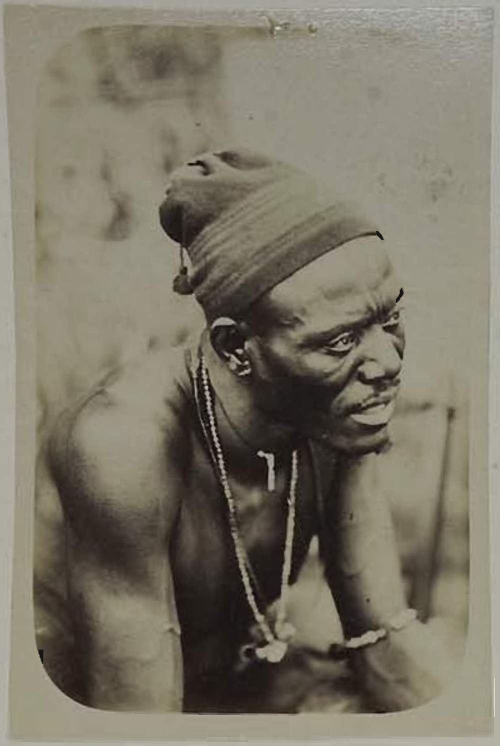
As povoações mais proximas encontram-se a 10 kilometros de distancia e são muito pobres, assim mesmo a Expedição tinha a esperar ali soffrer muitas inclemencias, já pela grande variedade de temperaturas e humidade a que esteve exposta durante 3 mezes, já porque a epocha das grandes chuvas, já finalmente pela falta de recursos alimenticios; o que não succedeu.

Ali teve logar um incendio em 9 de maio de 1885 e que só por milagre se pode dizer, tudo e todos se salvaram.

Hoçawach

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1



Nº 2

Nº 3

Nº 4

Bons typos Lundas os N.os 1 e 2 — O primeiro é um Cacuata d'um grande quilolo descendente de Muatiamvua que é o grande calála do Estado. Chama-se este Mulunda que tinha vindo com negocios de mandado de Xanama — Bom homem e sempre dedicado a seu amo.

O N.º 2. É o Xamuteba descendente de Muatiamvua 1.º Caungula e com honras de Muatiamvua — Bom caçador e guerreiro. Reside junto ao Lovua onde vai confluir o Masai. Tem sustentado guerras com os Quiocos e sempre vencedor. Á entrada da sua quipanga — com trophéus, lá tem elle uma especie de cabide — caveiras dos homens que elle matou na ultima guerra. O seu sitio é ponto onde concorrem muitos negociadores e por isso lá se estabeleceu a Estação Luciano Cordeiro.

N.º 3 — É Ianvo chamado para ser Muatiamvua e como tal já sendo considerado. Está vestido com um trajo que lhe deu a Expedição, saia de baetilha azul listrada com galão dourado e uma grande capa de baeta fina encarnada, tambem guarnecida a galão dourado. Tambem vestia polainas pelo mesmo gosto e sapatos de liga. Na cabeça tem o seu Ibeinhe de metal e cabonda de missangas.

O N.º 4 É Songo irmão d'um soba que acompanhou uma comitiva de carregadores — Mau typos. Este o indica, muito hypocrita covarde e ladrão. Deste e dos seus companheiros, a Expedição muito tem a contar.

H. de Carvalho

Est. Nº 39

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista Nº1 = Já d'ella nos occupamos. É o porto da cidade de Loanda tirado do bairro alto.

A vista Nº2 - É a grande praia da villa do Dondo no Cuanza - Lá se descobre o esplendido rio entre as palmeiras do porto.

Hoje a Camara Municipal está fazendo construir um bom caes para atracação dos maiores barcos e tenciona aproveitar a praia para uma avenida á beira rio - Se o projecto proseguir na sua execução já em começo deve ser muito frequentado nas noutes calmozas. - Oxalá todas as Camaras ou Concelhos Municipaes se lembrassem de proceder aos mais instantes melhoramentos de que carecem os seus municipios.

M. Carvalho

Est. N.º 40

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.

Mais duas vistas da cidade de Loanda a primeira da baixa e a 2ª da alta.

Por aqui se forma ideia dos estragos que todos os annos fazem as chuvas na encosta do bairro alto. N'outro tempo eram as encostas revestidas de cançuneiras e isto obstou ao desagregamento das areias, porem o vandalismo por lá andou arrancando-as e não se pensou nos prejuizos, que se vão fazendo sentir.

É preciso pois acudir-lhe com obras urgentes e hoje de certo dispendiosas, porem a cidade de Loanda a primeira e a mais antiga europeia na occidental de Africa pode e deve essa fazel-as.

Carvalho

Est. Nº 41

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4.

Os grupos N.os 1, 2 e 3 - São de Lundas e pouco ha accrescentar ao que já se tem escripto sobre taes typos - As vestes que possuem as devem á Expedição pelas transacções que fizeram com os carregadores da mesma.

O N.o 4 - É Manuel Ignacio, de Malange, carregador que foi da Expedição é muito fallador e falla portuguez.

Elle lá está com a sua Joanna (mulher Lunda) que em pequena fôra para Malange com o padrasto d'aquelle. Quiz elle fazer d'ella sua amante; porem esta era uma heroina de truz e procurou sustentar relações amorosas com diversos, e d'ahi constantemente conflictos no acampamento onde ella estava.

Duas Joannas houveram na Expedição e que foram origem de muitas desordens por causa de seus amores.

Esta, lá está em Loanda, mas não em Companhia d'aquelle - Esta mulher pertence á familia de Xamadiamba.

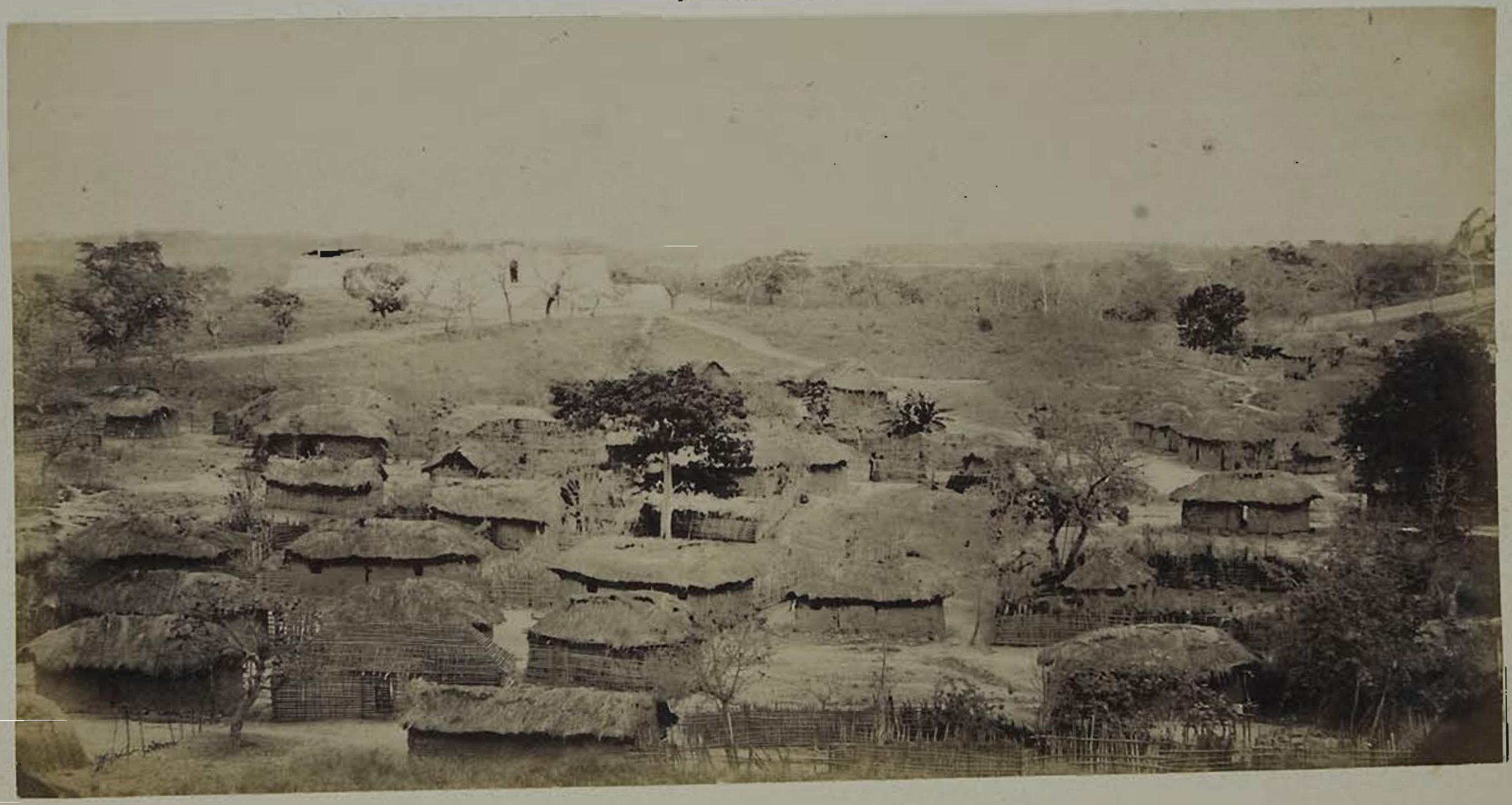
H. de Carvalho

Est. N.º 42 42

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.



Qualquer destas vistas são da antiga villa de Massangano, vendo-se na 2ª o baluarte (padrão) de tão assignaladas victorias dos conquistadores de Angola que por vezes se tem reparado - melhor ou peor

Carvalho

Est. nº 43

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Os grupos N.os 1, 2 e 4 são danças de rapazes e raparigas dos potentados Quiocos que se encontraram na Estação Conde de Ficalho, onde foram cumprimentar Muene Puto e Muatianvua a quem offereceram suas forças armadas para o acompanharem até á Mussumba.

N.º 3 - É o velho Matheus - que fora em creança escravo de D. Anna Joaquina, a celebre Dembo Ndala socia de R. Graça - Ha muitos annos que vivia em Loanda como carregador de machila. Esteve tambem ao serviço do Major H. de Carvalho desde 1878 a 1882 e quando este appareceu em Loanda para seguir para o interior como Chefe da Expedição contractou-se com mais 11 companheiros para fazerem parte da mesma, sendo encarregados de vigiarem as cargas e outros serviços de responsabilidade. Bom homem e obediente, junto d'elle estão, uma mulher e creanças da Luanda que iam para o rio apanhar peixe com a pequena armadilha que se vê aos pés do grupo.

H. de Carvalho

Cat. N.º 44

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

A vista Nº 1 e 2 são da Estação Cidade do Porto no Cuilo (margem esquerda) em terras de Casása quilolo do Muatiamvua.

A vista Nº 3 – É do mercado de Dondo no logar principal da villa proximo á Egreja que se principiou a construir por subscripção dos habitantes, mas que assim ficou depois de ter abatido a cobertura.

A Nº 4 – É uma vista da Ambaca proximo ao rio Lucalla.

Ambaca hoje nada valle e isto é consequencia das exigencias do celebre Mendes, homem que abuzando das considerações do governo por causa das eleições se tornou o verdugo d'aquelles povos que pouco a pouco se foram espalhando mais para o interior indo engrossar algumas populações gentilicas de calandulas e sobas de Malange e Bondistas.

Não é de acreditar que o Caminho de ferro indo ali muito possa desinvolver a sua agricultura por que as condições do solo não tem comparação com as de Pungo Andongo e Cassangé.

H. de Carvalho

Est. N.º 45

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.

A vista superior é da margem direita do rio Cuanza em Barúca onde está uma filial da caza ingleza. É um dos pontos em que o vapor da carreira se demora algumas horas porque ali afflue muito o negocio.

A inferior é o rio Luxico que a Expedição passou sobre uma ponte parte em suspensão aproveitando os troncos e cordas de grandes arvores nas duas margens.

A ponte é perigosissima porque a velocidade da corrente é fortissima por causa d'umas grandes pedras sobre que passa a agua antes de chegar a ella.

A vista foi tirada n'um outro ponto do acampamento em que ficamos muito mais a seu norte. Não foi possivel tiral-a ali porque as cargas passaram antes e a marcha nesse dia tinha sido bastante fatigante. Eram 3 horas da tarde quando se acampou.

H. de Carvalho

Estampa 46

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº1

Nº2

Nº3

Nº4

O grupo Nº1 É um Quioco fazendo negocio do seu bombó com os carregadores da Expedição.

O Nº2 É uma visita da princeza Mitunda e seu homem ao Chefe da Expedição no largo á frente da Estação Costa e Silva - Fez-se de proposito tocar uma caixa de musica para aproveitar a occasião de se poder photographar a princeza.

Nº3 - É o potentado Txibango com os seus rapazes armados - É boa gente, humilde e hospitaleira; porem muito pobres, os homens empregam-se na caça e com ella obtem dos visinhos o que lhes falta das lavras.

Nº4. É um grupo de mulheres de quiocos com as suas cestas e cestinhos de fuba e farinha de milho para venderem aos carregadores da Expedição. Já d'ellas fallamos n'outro logar.

Jose Carvalho

EAN.º 47

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

Estação "Costa e Silva", feita de pau a pique e barreada, construcção dirigida pelo ajudante da Expedição Capitão Sertorio de Aguiar, apenas com recursos da localidade, contratados e soldados de Loanda. Está situada proximo da povoação de Mona Mashango e filhos na margem direita do Cuango. Tem um bom armazem ao centro e dous quartos em cada lado um á frente do outro. A esta Estação deu se o nome de "Costa e Silva" prestando-se assim homenagem ao Director Geral dos Negocios de Marinha e Ultramar e que contribuiu para que a Expedição se preparasse devidamente em Lisboa - não obstante serem fracos os recursos de que havia a dispôr. É nesta estação que se celebrou o primeiro tratado d'amizade e commercio da Expedição em nome do Governo com o gentio e por essa occasião se procedeu ás ceremonias que tiveram a admiração d'aquelles povos.

Nº 2 - Vista interior d'uma parte da povoação do Caibango no Caiumbue proximo á nossa Estação Conde de Ficalho onde se vê o tropheu de caça dos melhores caçadores da povoação: caveiras e ossadas de diversos animaes por elles mortos em differentes epochas. A frente e proximo ás arvores estão os seus muquixes com milongas (remedios) para affastarem segundo elles dizem os feiticeiros e feiticeiras.

M. Carvalho

Est. Nº 48

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

N.1 - O grupo que vemos neste quadro são os alumnos da escola de leitura da lingua portugueza no acampamento do Valle das Amarguras junto ao riacho Camaia confluente do rio Umhamba entre o Cuango onde vai affluir a NW e o Cuango.

A' esquerda vestido de branco lá está o professor José Faustino, o dispenseiro de quem falamos em outro quadro - A' direita está um homem alto Adolpho contractado de Loanda que sendo tambem discipulo auxilia no que pode o professor.

Sentados estão, carregadores, soldados e creanças que todos são discipulos, e alguns d'elles aproveitaram.

Em pequenos papeis são desenhadas as letras e tambem palavras; e mais tarde os jornaes fornecem-lhes periodos para leitura.

N.º 2 - E' um grupo de mulheres e creanças que a esse tempo constituiam familias do pessoal Africano da Expedição. Tudo da região entre o Cuilo e Callanhi - povoações Lundas com exclusão d'uma mulher e rapaz da margem direita do Cuango.

Este grupo está á frente d'uma armadilha que se arranjou á pressa na praça da Estação "Conde de Ficalho" para se apanhar d'uma onça que alta noite visitava esta Estação e arredores fazendo das suas.

Entre nós matou um cão, mordeu depois outro e nos acampamentos visinhos lá levou duas ou tres creanças. Não se conseguiu apanhar.

Dizia-nos Txibango que a sua povoação fôra sempre respeitada; porém constava que andava d'uma ou duas quasi todas as noutes pelas proximidades e ninguem se atrevia a ir matal-as porque receavam fosse feitiço.

H. de Carvalho

Est. Nº 49

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista Nº1 é ainda de Pungo Andongo, na encosta dessa muralha natural que circunda a Villa e que a Sciencia ainda não poude sobre a sua formação dar a ultima palavra e já d'ella nos occupamos por mais vezes.

A vista Nº2 é do acampamento em Mona Samba margem direita do Cuango antes de construida a Estação "Costa e Silva" de que já fallamos.

Mᵉˡ Carvalho

Est Nº 50

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2

A vista Nº1 é o porto da Villa do Dondo no rio Cuanza onde na margem fronteira se estabeleceu ha pouco tempo uma fabrica de polvora que são os edificios de paredes brancas que lá se vêem. Na margem da Villa está em construcção um caes e aterro, melhoramento importante para atracarem os vapores e barcos de maior bordo. É da iniciativa da Camara Municipal este, como outros melhoramentos e todos seguindo o plano geral do medico do quadro de saude hoje reformado dr Collaço que se tornou um benemerito não só como facultativo mas como presidente da Camara. Os industriaes da fabrica de polvora estabelecendo-se na margem esquerda do Cuanza suppozeram-se em territorio extranho ao dominio portuguez e é certo assim o pensaram tambem na Junta de Fazenda e o governo da provincia, porem o Chefe do concelho bom portuguez, denodado e intelligente official que honra o Exercito de Africa Occidental e que já revelantes e espinhosissimos serviços tem prestado á provincia nos seus concelhos mais longiquos Duque de Bragança, Encoje e Caconda o Snr Trigo Teixeira que se bem me recordo usa um habito commemora a um desses serviços; a este dignissimo Camarada é que ninguem o poude convencer que aquella margem e todo territorio do Libollo e Quissama que se estende até ao districto de Benguella e que no seculo passado não houve duvida que era portuguez o deixasse de ser agora e por isso lá fez fluctuar a bandeira das quinas e estabeleceu uma divisão de moveis que creou com satisfação dos povos que protege e procedeu á cobrança d'impostos auctorisados por lei. Deu isto logar a uma polemica official pouco airosa para a auctoridade superior da provincia que obrigou o brioso official a pedir a sua exoneração caso se lhe impozesse fazer arriar a bandeira portugueza que ali havia collocado. Temos em nosso poder os documentos precizos para esclarecermos este e outros factos que só provam que a falta de juizo tem sido a maior causa da nossa decadencia na provincia de Angola. Por agora basta.

A vista Nº2 — É a fortaleza da Villa de Massangano na margem do Cuanza.

JdeCarvalho

Est. N.º 51

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRIC.

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4.

N.º 1 - O Casása, velho quilolo do Muatiânvua ainda da casa de Capanga no Lulua e que de lá se expatriou para o Cuillo - já muito fora da alçada do Muatiânvua; mas onde ainda alguns Cacuátas d'aquelle em deligencia foram fazer das suas diabruras exigencias, prejudicando-o bastante. Foi este quem nos primeiros mezes de expatriação de Xanadiamba lhe deu apreciosa hospitalidade, tendo-o occulto ás vistas do viajante, até que houve a certeza que a corte o chamava, fez-lhe uma taipanga muito decente proximo da Estação "Cidade do Porto" e pouco distante da d'elle e providenciava a sua alimentação e da comitiva que de dia para dia ia augmentando. — E' bastante pobre, mas manteve-se ali com um tal ou qual estado por se ter aparentado com Quiocos visinhos dando-lhe estes, mulheres p.ª companheiras d'elle.
N.º 2 - E' o Cacuáta Ndundo que viera com sua familia a negocios por conta do Muatiânvua até Muene Puto Cassongo ao Cuango e estava residindo em Caungula aguardando melhor occasião de continuar sua viagem.
Os seus precedentes entre nós seriam considerados terriveis, porquanto alem de traiçoeiro já tinha feito varios assassinatos.
Em Setembro de 1885 deixa a sua residencia no Caungula e vem com sua familia e alguma gente ao Casása no Cuillo, apresentou-se a Ianvo para o acompanhar á mussumba e aquelle como é de estylo querendo marchar já com as regalias do cargo e por ser elle da familia do Canapumba, nomeou para tal emprego em viagem.
Acampado no Caungula, foge-lhe a companheira por não o poder aturar e foi procurar novo amo como escrava. Era este uma auctoridade na terra - Empenha-se Xanadiamba que volte a mulher para seu poder, recommendando-a para que lhe não fizesse mal - Logo ao chegar á residencia de Canapumba deita-a no solo, amarra-a, tapa-lhe a bocca com panos e em seguida enterra-lhe um pau pela via genital até mais não poder e assim a matou em poucos minutos.
Foi considerada grande a culpabilidade do Canapumba e por isso foi sentenciado á morte. Conseguiu a Expedição para que a pena de morte fosse remida por multa a pagar a Caungula senhor da terra. Já então se sabia pelo regresso d'um seu enviado á Mussumba que este Cacuáta mandára prevenir que Ianvo ia seguir para tomar conta do Estado o que consideraram de traição e por isso, condemnado a entregar todo o negocio a Ianvo que já era considerado Muatiânvua.
Mais tarde em viagem estando muito bebado, não quiz obdecer ás ordens de marcha que lhe foram dadas em nome do Muatiânvua e tendo seu irmão sido chamado á presença deste, disse não comprehender Canapumba e que o Muatiânvua não podia contar com elle, que qualquer dia o abandonaria. Então recebe o irmão ordem para fazer marchar toda a gente d'aquelle - Vieram acampar junto de Ianvo e Canapumba ainda não bom da cabeça em altos berros e sem ver este, diz: que ninguem mandava na sua gente que Ianvo era apenas um filho de Muatiânvua e só ao Muatiânvua é que obdecia. Então os tumbájes que acompanhavam Ianvo cahiram sobre elle á cacetada e como continuasse a insultar uns e outros, retalharam-no á faca e lá o deixaram n'um riacho.
N.º 3 - E' um dos soldados que nos acompanhou, bem comportado e que muito aproveitou da escola sendo depois, de regressar ao Corpo promovido a Cabo. E natural de Benguella.
N.º 4 - E' Mutelu filho do Muatiânvua Noéji e d'uma filha deste é portanto irmão e sobrinho de Xanadiamba. - Acompanhando seu tio desde que se expatriou sempre o torturou, collocando-o em conflictos pelas suas imprudentes exigencias; mas pela muita amizade que aquelle lhe tinha fel-o seu Muene Tembue.
E' na verdade um feio homem e muito turbulento, ainda assim a Expedição manteve com elle boas relações.
Está retratado com uma camiza e panno que a Expedição lhe deu, e tem ao peito um crucifixo de metal.

Nogueira

Est. Nº 52

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRIC

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº 1 e 2 - São dous grupos interessantes de mulheres de Pungo Andongo, já trajando muito decentemente n'um costume á oriental. Estas mulheres em geral uzam pannos brancos por baixo como se fossem saias e por cima os pannos de Chita. Os seus maiores desejos é possuirem bons pannos da costa, brincos, anneis e cordões d'ouro. Já a começar dos arredores de Malange se reconhece grande differença nos trajos principalmente nas mulheres. Nas villas a leste de Loanda principalmente Dondo ha nisso mais luxo e riqueza que mesmo em Loanda.

Nº 3 - É o Cacuata Tambuque que appareceu em Malange apresentado á Expedição por um bilhete do Tenente Wissman Chefe da Expedição Allemã e o encontrára já em viagem para Ndala Quissua. Vinha com gente d'elle fazer negocios a Malange e não o quis fazer sem a intervenção da Expedição.

Nº 4 É José Faustino, natural de Cabinda que de creança se creou em Loanda e depois entrou como moço a serviço de navios mercantes e mais tarde em vapores da carreira entre Lisboa e Angola. Tem feito varias viagens a Lisboa e alguns portos de França e Inglaterra. Falla, lê e escreve portuguez - Já foi empregado no Commercio e em fazendas agricolas. A Expedição encontrou-o dispenseiro a bordo do vapor Serpa Pinto de Loanda para o Dondo e mais tarde apparece recommendado á Expedição em Malange para entrar ao serviço da mesma. A sua ambição era apenas ver terras. Foi pois admittido encarregando-se elle de fiscalisar as nossas refeições, vigiar pelas cargas e compras etc. e ainda de ensinar as creanças e as pessoas que quizessem aprender a lêr e escrever.

Carvalho

Est. Nº 53

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista 161 - É uma Egreja na villa do Dondo que se começou, mas depois abateu o tecto antes de concluida e assim ficou á 5 annos.

É pena realmente, que nós os portuguezes na actualidade assim vamos dando demonstração que olvidamos quanto nossos antepassados alcançaram em Africa tendo por arma unicamente a observancia dos preceitos da nossa religião; e tambem que consintamos em nosso desfavor que as missões americanas ali e mais para o interior, empreguem todos os meios ao seu alcance para ir cathechisando o indigena para a sua.

Talvez um dia, os brados que se levantem como protesto á nossa tolerancia seja tardio.

O edificio que vemos na vista inferior pertence á caza ingleza na Villa do Dondo - Caza que ha muitos annos se tem sabido manter não só ali como em differentes pontos em toda a margem direita do rio Cuanza.

W. Carvalho

Est. N.º 54

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4.

N.º 1 É um grupo de 4 creanças, tres rapazes e uma rapariga que foram discipulos da eschola da Expedição - O rapaz que veste camiza, foi baptisado em Malange com o nome de Henrique e fez parte da Expedição e nella foi á Mussumba, e hoje esta muito bem quisto em Loanda. Os outros tres vieram para Malange dois annos antes do regresso da Expedição e la morreram.

Os N.ºs 2 e 3 São de mulheres de Pungo Andongo trajando como se vê ja mui decentemente e que se conhece serem ja muito mais estimadas e n'um grau de civilisação ja muito adeantado.

O N.º 4 - São dous carregadores de machila que estiveram ao serviço do Chefe da Expedição, durante 3 annos que serviu nas Obras Publicas de Loanda e que foram os primeiros a pedirem para serem contractados para o serviço da Expedição e comsigo trouxeram 10 companheiros. Um e outro foram como escravos para Loanda em creanças. Matheus o mais alto é do Libollo e Manoel, do Ginji; porem hoje quem os vir não acredita serem de tal procedencia.

H. Carvalho

Est. nº 55

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº 1 - É um Quioco irmão de Mona Cangolo um dos principaes entre os Quiocos - Este adoptou para nome de guerra e como é conhecido Cazari. corrupção do Cazal appelido do valente Tenente Coronel que morreu nas ultimas guerras de Cassange e que o gentio ainda hoje o considera como valente. É deffeituozo da vista, mas um explendido caçador de elephantes. Por muito destemido que é, é sempre empregado pelo seu maior em deligencias longiquas e arriscadas.

Nº 2 É um cacuata do fallecido Muene Sanza Nogige que veio ao Cuango por mandado de seu amo e no regresso se encorporou á comitiva de Xa Mana-diamba e ficou ao seu serviço.

Nº 3 - É Andre, carregador da Expedição, natural de Muiéba Concelho de Malange. Rapaz submisso, foi tambem um dos que muito soffreu pela falta de recursos. O cachimbo que tem na bocca é feito por elle com uma faca do uzo gentilico. Baptisou-se em Malange como muitos outros depois do regresso da Expedição de que foi padrinho o Chefe da mesma e madrinha a esposa do Chefe do Concelho.

Nº 4 - É tambem de Muiéba, carregador da Expedição. Foi um excellente carregador de typoia.

M. Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

961

962.

A vista N.º 1 - É da povoação de Ndála Quiquangua soba de Ndála Quissua e na qual a Expedição fez construir a sua primeira Estação 24 de Julho que depois da sua retirada foi mandada occupar por um aviado do estimado agricultor e negociante Africano Narcizo Antonio Paschoal, estabelecido no Ginje 12 kilometros a S.E da villa de Malange.

A vista N.º 2 - É das povoações á margem direita do Cuango, vistas da Estação Costa e Silva. Estas povoações offerecem de novidade destacarem suas cubatas uma das outras por causa de incendios e aproveitam o terreno entre ellas cultivando-o de tabaco, feijão, aboboras e milho - o que dá ao todo um aspecto agradavel á vista do viajante europeu.

H. Carvalho

Est. N.º 57

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
O
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2.

N.º 3

N.º 4.

N.º 1 – É um grupo de mulheres e creanças que pertenciam aos carregadores da Expedição na Estação "Conde de Ficalho" e porque há o mesmo grupo em ponto grande alguma cousa diremos nesse Quadro.

N.º 2 – É um grupo de Acaje (raparigas) do Muatianvua já trajando rasoavelmente com o seu tapa peitos e pannos até aos joelhos e que entre ellas tem nome especial.

N.º 3 – São duas verdilhonas dos Quiocos, uma tem ás costas um muxico que lhes serve para a colheita da mandioca, onde na occasião de se photographar metteu uma creancita que trazem preza ao lado ou ás costas, e a que está sentada segura a sua capaia onde trouxeram fuba que venderam no acampamento.

N.º 4 – São uns Lundas - Arcuátas armados, notando-se que o da esquerda é o sobrinho do Cacuáta Sambu, já apresentado, é um dos rapazes que elle ordenou acompanhasse a Expedição á Mussumba. Este rapaz lá ficou com os seus parentes na margem direita do Munvulo.

H. de Carvalho

Est. N.º 58

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2.

A vista Nº1 = É do acampamento "Cunha Belem" no matto ja a leste do rio Luatocimo em jornada (no caminho) para Taibango á beira d'um riacho affluente d'aquelle.

A vista Nº2 - É a quitanga, feira indigena em Loanda.
Ahi encontram os indigenas fazendas, cantaria e outros artigos de commercio europeu que os feirantes obtem a credito das casas commerciaes e as vendem com uma percentagem.

M. de Carvalho

Est. Nº 59

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista Nº1 – E' ainda de Pungo Andongo um dos mais isolados penedos na sua parte superior. Aqui se conhece bem a forma exterior d'um d'esses gigantes que sombreiam a Villa – E' por entre essas quebradas que vem as rajadas de vento e que são cauza de muitas constipações origem de graves doenças, fataes para muitos.

A vista Nº2 – E' d'uma das principaes ruas da villa do Dondo que dá sahida para os concelhos mais internados da Provincia.

Por esta se pode fazer ideia como estão hoje todas as ruas da Villa – E' um encanto no matto.

Quando a Expedição regressou, era esta uma das ruas que embellezaram com arcos de verdura e illuminação de balões venezianos, illuminação que se fez durante tres noutes.

Ha entre os residentes europeus amor da Patria e por isso ja se não estranharam esses festejos, nos quaes apezar de auzente tomou parte importante n'elles o negociante Marcos Zagury

JC Carvalho

Est nº 60

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº1

Nº2

Nº3

Nº4

Nº 1. É Catxingo subordinado do Txibango senhor d'imporporto no Txiumbue. Era senhor d'uma povoação á margem direitta do Luatxima e senhor do porto em que passou a Expedição. Este homem dispunha de muito malufo e vinho de palmeira e por isso mesmo andava sempre muito alegre e fumando na sua mutopa que elle tem no retrato aos seus pés.

Nº 2. É um rapaz de Mataba que de lá fugiu. Está apenas coberto com uma pelle vestimenta a mais natural.

Nº 3. É Marcellino um dos contractados em Loanda: cosinheiro do Chefe da Expedição quando só nos acampamentos ou em marcha. É filho do baixo Congo. Junto de si está sua companheira que um dia em jornada o deixou cahido no caminho com uma bebedeira e ella raspou-se com uma trouxa d'elle em que n'ella tinha todas as suas riquezas.

Nº 4. São dous Lundas, o da direita é filho de um Muatianvua e sobrinho de Xanadiamba. Este rapaz era Mumautu de Jamvo em viagem.

Carvalho

E.A. nº 61

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Os N.os 1 e 3 - São duas raparigas de Matabu da povoação do Camgula no Lucumbe. A N.º 3 mais do norte lá apparece com os seus desenhos em roda do umbigo como é de uso e os fazem em creanças.
A N.º 4 É já das terras do Maio e que foi presenteada a Xamadiamba para serviço da sua Muari.
Todas ellas são sympathicas e adquiriram suas relações amorosas com alguns carregadores da Expedição o que levaram em gosto os potentados da Lunda.
A tal proposito diria uma vez o Camgula de Loena a um Mbanza Bangala que o verdadeiro amigo d'elle era Muene Puto porque o inriquecera, e deixou muitos filhos na sua terra. Que elles Bangalas não eram capazes de fazer tão bons presentes. (deve notar-se que se estes pejassem qualquer rapariga do seu sitio era considerado grande crime e como tal o tinham de pagar em bom negocio) Aos que foram nascendo lhe poseram o nome de Majór, e lá estavam elles, considerados filhos de Muene Puto quando a Expedição regressou.
O N.º 2 - É uma rapariga dos seus 12 annos veio para a companhia de Xamadiamba como presente de Mucanza para o serviço da sua Muari.

H. Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2.

Ambas estas vistas são do acampamento "Cidade do Porto" margem esquerda do Cuilo em terras de Casása proximo da sua residencia, tiradas de pontos diversos.

Na verdade o local foi bem escolhido e os alojamentos bellamente construidos.

A de baixo é a rua principal, com cubatas altas de ambos os lados para os contractados e soldados - tendo á quem um riacho com sua ponte que lhe dá communicação para o caminho publico.

Fez-se primeiro uma derrubada como as photographias indicam e mais tarde tudo foi limpo aproveitando-se as arvores para o fogo - Arvores de grande porte sombreavam a Estação e acampamentos em redor - Um kiosque no centro da praça foi logar destinado para audiencias e receber visitas era feito de bambú, bem como meza ao centro e bancos.

Trabalhos estes como a Construcção em geral e horta que tinha que foram derigidos e mesmo riscados um por um pelo ajudante da Expedição o Sr. Capitão Aguiar, auxiliado com alg.s contractados e soldados por elle educados para esse serviço.

As povoações proximas eram muito pobres e por isso havia difficuldade em se obterem mantimentos principalmente gallinhas, ovos, caça e mesmo cabras que mais se encontra por essas regiões.

Carvalho

Est. Nº 63

Nº 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 2.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

O Grupo que se vê na vista superior é a eschola de primeiras lettras da Expedição no acampamento "Valle das Amarguras em Camau."

O homem que está de cazaco branco é José Faustino, empregado da Expedição e de quem já fallamos. Tem paciencia precisa e boa vontade para ensinar o que sabe, e o mais alto é Adolpho de quem tambem já fallamos, mais intelligente que os outros, aprende com aquelles e vai auxiliando em ensinar os outros. Esta aprendizagem é voluntaria e os discipulos gratificam J.e Faustino, dando-lhe um logar á sua meza. Assim entretinham o tempo n'aquelle serviço esperando tempos mais felizes para podermos avançar para as terras do Muatianvua.

A vista inferior de que tambem já fallamos é a Estação "Ferreira do Amaral" em terras de Lêca e Tori subditt de Ndalla Quisúa, vendo-se agora uma contra parte do acampamento.

Lêca é um esplendido homem que todas as noutes vinha para a Estação conversar com os filhos de Muene Puto, prestando-nos valiozas informações sobre o que mais podia interessar á Expedição como missão civilisadora.

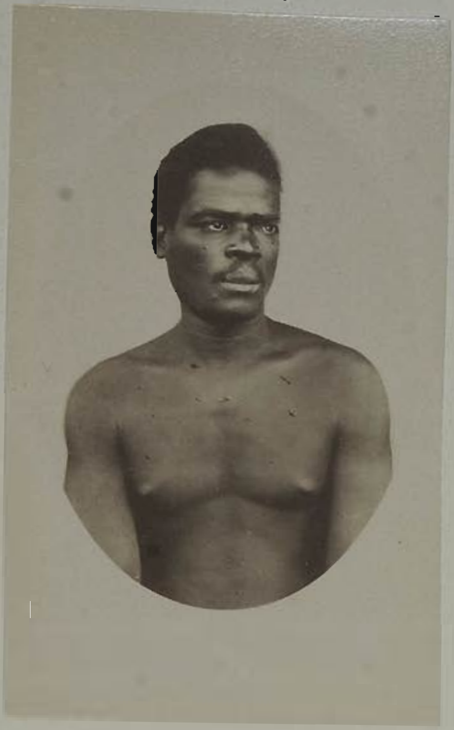
No regresso, por que a Estação precizasse reparos, hospeda a Expedição o melhor que lhe é possivel, mostrando-se muito grato das boas relações que com ella manteve e donde vieram proveitos para a sua terra.

H. de Carvalho

Est Nº 6

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1



Nº 2

Nº 3

Nº 4.

Nº 1 - É Roberto filho de Benguella, tambem ha annos em Loanda como carregador de machilla e que ali fez parte dos 12 contractados pela Expedição - É um rapaz submisso e falla e comprehende mal ainda o portuguez; porem é muito servical e um habil curioso em ferraria e carpinteria - Até faz algumas coronhas de armas não inferiores ás que o Commercio manda com o nome de lazzarinas.

O Nº 2 - É um carregador da Expedição nascido em terras da Lunda; porem ha annos que reside na povoação do soba Nbanzo proximo de Malange. O contacto que tem tido com gente mais civilizada fazem-no mui differente.

Os Nºs 3 e 4 - São dous soldados da força que fez parte da Expedição, mas que pela necessidade, muitos eram empregados como carregadores em viagem.

Para os que trabalharam e soffreram, insignificantes foram os interesses e pode-se dizer não eram mais rapazes.

Eram merecedores que se lhe desse a baixa como alguns desejavam porque alem de terem tempo a mais de que eram obrigados a servir, o tempo em que andaram com a Expedição podia muito bem ser-lhes contado.

HdeCarvalho

Est. N.º 65

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4.

N.º 1 = Um grupo de rapazes do Congo ao serviço da Expedição pelos beneficios que nella encontraram, pois muito haviam padecido nas terras da Lunda sendo expoliados de todo o negocio que tinham - Encontraram a Expedição em fins do anno de 1885, mis esfomeados e 7 ou 8 mezes depois apresentaram-se como se vê na photographia.

Dizem-se vassallos de D. Luiz Rei de Portugal e por isso Sua Magestade de certo não os deixaria morrer de fome ali - Todos regressaram com a Expedição em boas condições e foram repatriados em Malange.

N.º 2 - É um grupo de mulheres Lubas da povoação do Txibango - É assim que ellas andam quando em negocio ou em serviço das lavras.

Nesta localidade é já grande vestimenta as mabellas da grandeza de lenços de assoar que collocam um adeante e outro atras suspensos por uma corda á cintura - Na occasião em que se photographaram, algumas d'ellas se consideravam felizes por alcançarem pedaços de fazenda de Muene Puto a troco de alguns productos do seu trabalho na lavoura.

N.º 3 Grupo tirado n'um acampamento em marcha na hora da refeição dos carregadores.

N.º 4 - Grupo analysando a nossa canôa fechada e que se ia abrir para se pintar e verificar se havia alguns reparos a fazer-lhe.

Hde Carvalho

Est. N.º 66

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 2

Nesta pagina n'uma e n'outra photographia se vê ao fundo a parede da entrada para a Fortaleza de S. Miguel a principal de Loanda e donde os hollandezes foram desalojados pelo bravo general Salvador Correia, apenas com um punhado de companheiros. Feito este, na commemoravel data de 15 de agosto e que deu á cidade de Loanda o nome de S. Paulo d'Assumpção.

Hoje nesta fortaleza, está aquartellada a bateria d'artilheria; é uma parte desta em exercicio que as photographias representam.

É bem situada esta fortaleza, porem o tempo tem-a deteriorado e necessita de grandes reparos.

A artelheria que possue é antiquissima e está ja em mau estado.

Protege perfeitamente a cidade e seria de grande conveniencia dotala com artelheria moderna, porem esta sem artelheria de nada serve.

Não é este logar proprio para se tratar d'assumpto tão importante, porem lembrar aos poderes publicos a conveniencia que ali fosse um official da especialidade em Commissão, examinar devidamente aquella e outras fortalezas de Loanda e providenciar em geral, seu material, organisação etc. E depois no gabinete á vista das competentes plantas, mappas e notas - apresentar seu relatorio e propôr os melhores alvitres para dêlla e forças se adquirir as vantagens que são para desejar, o lembrar repito, creio ser de toda a conveniencia para aproveitar-mos o que ha de bom na herança dos nossos passados.

[signature]

Est Nº 67

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

Dous rios differentes nesta pagina, o de cima é o Txicápa e o de baixo o Txihumbue.

No primeiro ja havia passado uma grande secção da Expedição com mais de 100 pessoas e 90 e tantas cargas, e seguia agora o sub-chefe o Snr. Marques que a commandava, a devassar na avançada o caminho d'ali ao Luatxima. Lá vai na canôa Nossa Senhora dos Martyres passando o rio.

E' este um dos rios mais largos a contar do Cuango até aqui, e corre com grande velocidade o que não admira porque estamos em janeiro e já as chuvas produzem os seus effeitos.

Marcha esta secção na maxima força, porque constava que em todo o trajecto que tinha a percorrer, alem das povoações dos Quiocos que ali ultimamente affluiram forças, tinham vindo do sul de Mocanjanga, Mbumba, Muxico e Quissengue para se opporem á marcha de Xamadiamba e Expedição para a Mussumba. A nossa gente muito timorata e mal aconselhada tinham nas vesperas mostrado relutancia em avançar e chegou mesmo a pedir regresso e fazer exigencias para proseguir.

Era pois arriscada a commissão que ia desempenhar S. Marques, porque de mais tinha de sustentar-se por alguns dias na margem do Luatxima com um reduzido pessoal porque, o que acompanhava na sua maioria tinha de voltar a buscar cargas e o Luatxima é occupado d'um e outro lado por Quiocos; pode dizer-se que entre o Txicápa e Luembe todo o territorio é de Quiocos, sendo mais densa a sua população do Luatxima ao Luembe. Os Lundas que ali existiam se não abandonaram completamente suas terras, sugeitaram-se ao dominio d'aquelles.

Parte Marques em 6 de Janeiro e 15 dias depois já toda a Expedição estava reunida no acampamento "Marianno de Carvalho" e se algumas peripecias ou pendencias houveram resolveram-se sem maiores difficuldades.

No segundo rio ha formosissimas ilhotas arvorisadas e em algumas ha centos de jacarés. A sua largura regula de 120 a 150 metros em toda a extensão em que se descobre do ponto, sendo bastante sinuoso, como o são em geral todos os rios da região Austral-Central.

Affluem n'elle grande numero de cavallos marinhos até á sua confluencia com o Luembe o que é uma fortuna para os povos que o marginam porque o seccam ao fogo e assim obtem um bom recurso na epocha das maiores chuvas, capim alto em que não podem caçar.

H. de Carvalho

MUATIANVUA
AFRICA

Est. N.º 6

N.º 1

N.º 2.

São dous os grupos que apresenta esta pagina.

O primeiro e-nos bastante sympathico - as orphãs recolhidas do Asylo D. Pedro 5º em Loanda - Estabelecimento este que honra os seus iniciadores n'aquella cidade e todos os que depois o hão coadjuvado.

A' custa de mensalidades, de subscripções, de recitas, bazares e dadivas de diversos manteve-se por muito tempo sem a intervenção official.

Houve epocha em que as asyladas d'ali sahiam para cazar e algumas foram bem felizes.

Veio a intervenção official pela falta de recursos e só quando se soube que uma alma caridoza se lembrára de contemplar este estabelecimento com uma dotação annual e é certo que depois já a instituição não corresponde ao intento dos negociantes e infelizmente registam-se modernamente factos que se não desacredita o estabelecimento, não honram os directores.

Sempre assim, o que é bom não tem duração entre nós principalmente nas colonias; é quasi sempre devido ás innovações dos que erradamente suppoem que tudo que vêem deante de si, preciza ser reformado e que antes d'elles nada se faz.

Não queremos citar factos porque não é este logar proprio para o fazer, mas que fique consignado, o que sentimos pelo descredito em que está hoje aquelle estabelecimento que com tantos sacrificios luctou para offerecer prosperidades e garantias áquelles que na provincia de Angola esperavam legar a seus filhos como ultimo recurso aquella caza de educação.

O grupo Nº 2 - É de Bailundos da margem direita do Cuanza, ao serviço de carregadores na caza de João Roza no Dondo.

Fazem estes um perfeito destaque dos outros povos com quem a Expedição esteve em contacto, e entre elles estão alguns rapazes e raparigas para se poder conhecer da differença.

Estes, é que parecem realmente d'uma raça diversa dos povos para N. e E. do Cuanza pelo menos de Bangalas, Lundas e Quiocos, já pelos seus traços physionomicos, movimentos e adornos e já tambem pela sua linguagem e modo de se apresentarem.

Estes homens veem de longe á procura de trabalho á villa do Dondo e ali ficam por alguns mezes para transportarem cargas para os concelhos mais a E. e isto é na verdade d'um grande alcance para aquella villa, porque a Via Ferrea em execução a partir de Loanda, vae prejudical-a altamente por d'ella desviar o commercio importante que para ali estava affluindo do interior nos ultimos annos.

Mel Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4

Nº1 É Ianvo, Muatiamvua eleito acompanhado com o Chefe da Expedição

Nº2 - É o ajudante da Expedição, com um creado a seu lado.

Nº3 É um Mona Angana (Quioco importante) que tem a sua residencia entre o Luembe e Cassai - Tandajaje era o seu nome de guerra - Apresenta-se a Ianvo como seu antigo amigo, de typoia e grande acompanhamento de rapazes e raparigas que faz dançar durante os dias em que esteve comnosco. Deu um bom panno de presente a Ianvo; porem tal presente dias depois quiz a fatalidade que elle o tivesse de pagar bem caro. Ianvo querendo prestar honras ao seu amigo, como elle tivesse d'ir visitar um seu parente a 5 dias de viagem, fel-o acompanhar por um seu caculata e gente. Dançava-se uma noutte no tal sitio e um dos rapazes do Caculata tendo uma arma carregada e de cão aberto sem o querer e mesmo sem saber, fez disparar a arma passando a bala entre a dança e la foi matar uma das mulheres de Tandajaje. Voltaram todos a estabelecer acampamento de guerra proximo ao Muatiamvua e apresenta-se a questão para julgamento sendo condemnado o Caculata a pagar 20 escravos pagamento forte, que quem pagou foi o Muatiamvua. Este Quioco tem feito suas viagens a Benguella com negocio seu e é senhor de bastante gado. Procura muito imitar os Europeus.

Nº4 - É Augusto Jayme irmão do sola Mbango de Malange - Precisando a Expedição de carregadores, como elle era irmão d'um sola de importancia, apresentou-se elle para os arranjar pelo que se lhe deu uma farda de capitão da nossa antiga cavallaria Nº4 e suppondo-se já elevado a este posto quer acompanhar a Expedição como Capitão dos carregadores. Era um bom caçador e pela sua dedicação pela caça em 7 ou 8 de janeiro de 1886 foi elle morto á queima roupa pelas costas em Txibaraca a sul do Calanhi - Está com a sua farda e a nossa bandeira na mão posição em que esteve durante as cerimonias da assignatura do tratado com Mona Mahango e filhos na Estação Costa e Silva.

H. de Carvalho

Est. Nº 70

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista superior. É da rua da Misericordia na na cidade alta de Loanda que vai para o largo de Salvador Correia.

O edificio mais alto é o antigo hospital. Hoje aproveitaram-no para quartel do batalhão de Caçadores N.º 3 do commando do Major J. Padrel.

A vista inferior. É da margem do Lovúa que corta terras do Caungula, ficando ao norte d'este ponto, na direita a residencia d'elle, e fronteira ás suas lavras.

Como todos os rios da região que percorremos descahem para NW fazendo grandes voltas. Este é dos mais estreitos, porem suas margens são bastante arborisadas.

A sua passagem é feita em estreitas canôas que elles construem, escavando um tronco a machado e dando-lhe uma forma exterior arqueada com uma semilhança de pôpa á prôa.
Custa a crer a quantidade de cargas e passageiros que n'ellas passam o rio d'uma vez – os serventes geralmente dous (a que chamam pilotos), ainda assim podiam ser mais exiguentes pelo seu trabalho. Porem um pouco de tabaco, sal, uma ou duas capaias, uma pequena porção de azeite ou por duas jardas de fazenda o que é mais caro (duzentos reis) se tanto passam comitivas de 12 a 20 pessoas com suas cargas.
Ás vezes nem chega a 20 reis por cabeça e carga.

H. de Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRIC.

N°1

N°2

N°3

N°4

Nº 1 e 2 - Representa o largo á frente da Estação Costa e Silva margem direita do Cuango terra de Capenda dominio de Mona Mahango. mulher Xinje

A primeira é um grupo de rapasitos e homens ouvindo tocar a caixa de musica - um e o meio de os entreter para se poderem photographar.

A 2ª é o Chefe da Expedição contractando com o principe Mucanzo que está n'uma cadeira á sua direita os carregadores que elle lhe apresenta para levarem cargas até ao rio Cuango. Mecheram-se muito, razão porque a photographia não saiu boa como se desejava.

Os Nos 3 e 4 são grupos de raparigas para comparação - Vê-se a humildade das primeiras que são Lundas sugeitas á escravidão, emquanto que as outras dos Quiócos já se apresentam mais a son aise.

H de Carvalho

Est. N.º 72

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

N.º 2

N.º 3

N.º 4.

N.º 1 É d'alem do Cuango Xinje que de creança foi para o concelho de Malange. Fez parte da Expedição como carregador e era socegado. Gravemente doente com uma pneumonia dupla na Estação "Costa e Silva" salvou-se devido aos cuidados do Sub Chefe Marques encarregado do serviço clinico.

Este, grato á Expedição acompanhou-a no regresso a Loanda.

O N.º 2 - É Lunda que foi em pequeno para um sobado a sul de Malange proximo do Cuanza - Nbumba era o seu nome que substituiu em baptismo por Casemiro. Foi carregador da Expedição. Apezar de forte como se vê na photographia, pela educação a que foi sugeito, era timorato e sobre tudo prudente e socegado.

Os N.os 3 e 4 - São duas raparigas dos Guiocos, ainda novas e naturalmente são Lundas porque agarradas nas razzias por aquelles e pela convivencia com elles já os cabellos não parecem pela moda da Lunda.

H. de Carvalho

Est. Nº 73

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A primeira vista - É a praça á frente da Estação "Conde de Ficalho" na margem esquerda do rio Taiumbue a 2,5 kilometros a E da povoação do Txibango, Cacurubaquiflolo do Muatiamvua.

A segunda - É parte da ala esquerda que segue no alinhamento da praça.

Tiradas de pontos distantes, não deixa o já crescido capim vel-as como seria p.ª desejar.

O fundo na primeira - é o que margina o riacho de explendida agua affluente do Taiumbue e para la corre passando encostado e limitando a Estação pelos N quadrantes.

O nome que se deu á Estação é uma homenagem da Expedição ao nobre Conde de Ficalho pelo interesse que S. Ex.ª tomou para que se podesse aproveitar os recursos que havia na nossa Expedição para se fazer um bom estudo da flora nas regiões que tivesse de atravessar.

Ahi esteve a Expedição de fins de fevereiro a fins de julho de 1886 - Junto ao rio tivemos uma horta que apezar dos ratoneiros ainda d'ella obtivemos em pouco mais de 15 dias explendidos rabanetes.

H. de Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRIC

Est. Nº 74

Nº 1

Nº 2

Apresenta este quadro duas vistas, a primeira é tirada da cidade alta de Loanda em que se vê a fortaleza de S. Miguel, donde o grande Salvador Correia, conseguiu fazer expulsar os hollandezes de Loanda e mais alem a Ilha fronteira onde primeiro se estabeleceram os portuguezes por concessão do Rei do Congo.

A vista N.º 2 - É do rio Cuanza. Sendo a margem de cá o porto de Massangano onde está em construcção uma ponte do tempo em que ali foi Chefe do Concelho o ajudante da Expedição então tenente Manoel Sertorio de Almeida Aguiar, sob seu risco e construcção.

M. Carvalho

Est.ª 75

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º1

N.º2

N.º3

N.º4.

Nº 1 - É um velho dicota de Mona Muhongo que dá os herdeiros para o Estado de Capenda Camulemba na margem direita do Cuango - É um antigo Conselheiro que vive na Côrte; porem tem sua povoação mais para o interior já em terras de Caianvo-Quicamua é o seu nome. A ornamentação da cabeça é original parecem uns aros feitos de missanga grossa protegendo as orelhas - No pescoço lá tem o seu collar com o Nzambi (crucifixo de metal) que lhe deu a Expedição. Tem na mão esquerda um charuto que fuma que se lhe dera pouco antes de se photographar e na direita a machadinha favorita distinctivo dos grandes de Capenda - Sobre o hombro esquerdo tem elle 4 jardas de chitta remuneração do presente d'um cabrito com que nesse dia nos mimoseou.

Deste homem se deve rectificações e importantes esclarecimentos sobre a genologia de Capenda nos tres Estados em que se dividiu a familia ate hoje.

Bastante velho e receoso de feiticos como todos os Xinjes, não pode elle evitar que os carregadores que devia vigiar, fizessem greve para retirarem antes de cumprir o seu contracto com a Expedição.

Nº 2 - Este grupo é tirado na Estação "Costa e Silva" alem do Cuango sem que os pretos percebessem.

O Chefe da Expedição recebe no largo á frente da Estação em logar combinado a princeza Mutumbo successora (sobrinha) de Mona Muhongo, e seu esposo.

Estão ambos com as seus sombreiras brancos, ella de frente. O resto é comitiva que a acompanhou naquella visita. Todos prestam attenção á caixa de musica que se fez tocar de proposito. Hoje já ella tomou posse do lugar de sua tia que fallecera dois mezes depois da Expedição largar suas terras.

Nº 3 - É ainda o mesmo local - mas em outro dia o Chefe da Expedição lá está pagando em diversos artigos de negocio as rações aos carregadores contractados com Mona Mahango e seus filhos. José de Vasconcellos, de Malange estabelecido na localidade auxilia o Chefe nos pagamentos.

Á direita um grupo de carregadores analysam uma lazzarina que se dá n'um pagamento.

A vista Nº 4 - É ainda tirada da Estação "Costa e Silva" - São as povoações de Mona Mahango e filhos que rodeiam pelos quadrantes N E a nossa Estação, as quaes são de choupanas muito baixinhas e estão muito affastadas umas das outras, e entre elles os terrenos são devidamente horticultados.

H. de Carvalho

Est. Nº 76

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2.

Uma e outra são de Pungo Andongo, para se fazer uma ideia dos grandes penedos que cercam a Villa e são fallados já pela sua historia, já por que foram elles que demarcaram o logar destinado ao nosso Ministro José de Seabra, cuja caza já não existe, mas no logar d'ella está uma nova que foi posta á disposição da Expedição no seu regresso, para alli residir durante os poucos dias que lá esteve.

Tambem por elles se faz ideia das antigas construcções que lá se fizeram em tempos que á propriedade de Pungo an Dôngo, attrahia muita gente para commercio com o gentio que vinha de longe com os seus productos, marfim, borracha e cera.

H. de Carvalho

Est. Nº 77

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

Nº 1

Nº 2.

Nesta pagina temos superiormente a Estação 24 de Julho em Ndalla Guiguangua - A primeira da Expedição e que por ter sido concluida em tal dia - Commemora o nosso dia de galla.

Foi nesta que já encontrou hospitalidade por parte da nossa Expedição o Chefe da allemã, o sympathico Tenente de infanteria Wissiman.

Fica ao fundo da povoação e frente a ella, e á direita parte a estrada para o interior, já distta de Ualunga uns 60 kilometros.

O potentado é subdito de Ndalla Guissua, e com elle, sua familia e povo mantiveram-se boas relações.

Aqui, no regresso teve a Expedição uma rui doza recepção ao uzo gentilico, com que a musicata e dança, nem de noute parão.

A vista Nº 2 - É da bella propriedade - Stª Isabel de Cazengo, convidada a Expedição a ir lá almoçar pelo gerente da mesma Exᵐᵒ dr. Juiz de direito, commensal da caza - aproveitou-se a occasião p.ª se tirar esta photographia.

É importante pelas ricas culturas, café e canna que progridem admiravelmente.

H. de Carvalho

Est. nº 78

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Nº 1. É um quioco empregado de Muána Muéne e que sempre anda em negocios até ao Cuango. Amigo dos Lundas e Bangalas e marcha sempre para toda a parte affoutamente. Prestou á Expedição bons serviços.

Nº 2. É o Mbanza Guinguri Bangala de quem já fallamos, um dos que pretende ser Jagá de Casange. Veste o seu melhor trage de viagem e lá traz ao pescoço o seu crucifixo assente n'um peitinho de baeta encarnada ornado a galão e lantejolas douradas que pediu á Expedição para lh'o fazerem.

Nº 3. É uma rapariga de Mataba com os grossos canudos nas orelhas e a sua fitinha de missangas na cabeça.

Nº 4. É um Calála de Bungulo de quem já fallamos. É Lunda do Luatxixima; porem vivia na quipanga de seu tio no Txiumbue. Um e outro estiveram ao serviço de Ka Imadiamba durante o anno de 1886.

H. de Carvalho

Est. nº 79

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA.

Nº 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 2.

O 1º quadro representa a Expedição prompta a partir de Pungo Andongo para Malange.

A caza que se vê era do negociante Souza Lara e que por obsequio de seu socio o Snr Marcos Zagury n'ella estava hospedada a Expedição sendo magnificamente recebida pelo gerente o Snr Felippe Leonor. Aqui esteve 3 dias a Expedição angariando alguns carregadores que precizava para Malange e fazendo acquisição de bois de monta.

Só uma pequena parte deste pessoal seguiu com a Expedição para alem de Malange - é pena sentir que não quizesse todo elle contractar-se para continuar ao seu serviço porque lhe evitava grandes difficuldades com que teve de luctar até á ultima pela falta de carregadores.

O 2º quadro é um baptisado no matto em Massangano.

Esta vista foi tirada pelo ajudante da Expedição pouco antes de entregar o Chefado do Concelho para se reunir á Expedição para que foi nomeado.

Por aqui se faz uma edeia como se fazem os baptisados nos concelhos mais internados na provincia de Angola a leste de Loanda.

H. de Carvalho

Est. nº 80

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

São estas vistas da propriedade agricola de Tavira em Pungo Andongo sendo n'ellas a cultura mais importante a canna sacharina.

A Expedição foi muito bem recebida pela familia Tavira na sua bella residencia na villa - construcção nova a pezar de ja conhecer ali a terceira geração da familia.

É na verdade duas creanças que a constituee, filhos de paes morênos, são encantadoras pelas formas e feições e sobre tudo a alvura da pelle e cabellos louros finissimos - Suppõe-se vêr n'ellas duas lindas creanças allemães ou inglezas - Duas bellezas - faz lembrar as bonitas pinturas de caixas de lenços.

O velho Tavira é negociante ali muito respeitado e tem exercido por vezes alguns cargos publicos não onerados, seu sobrinho casado com uma sua filha, é pae d'aquellas creanças, dedicasse á cultura da canna de que está tirando bons resultados. Pena é que o Commercio tenha decahido muito nos ultimos annos e que mais venha a decahir não só pelas circumstancias anormaes em que se encontra a Lunda, influencia allemã no Norte, mas ainda pelo devio que hade soffrer o pouco que apparecer para pontos melhor situados com relação á linha ferrea que se está construindo.

H. de Carvalho

Est. Nº 81

Nº 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 2.

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

A photographia N.º 1 é ainda de Pungo Andongo - Uma casa de commercio tendo ao fundo esse enorme monolitho que termina superiormente em formas mais ou menos phantasticas. A caza é das antigas da villa coberta de capim.

A vista N.º 2 é a margem direita do Cuango que sendo bonita em alguns pontos, não é onde passamos dos melhores.

A Expedição pode dizer que haja no interior (onde passou) rios superiores em belleza, largura e profundidade ao Cuanza da nossa provincia de Angola.

Tambem no Cuango contem muitos cavallos e jacarés como os seus confluentes, corre bastante sinuosamente e com velocidade devido a algumas cachoeiras para o NW indo lançar-se no Zaire, ainda que ha quem informe no interior que é o Cuilo e não elle quem apparece no Zaire. É certo que um se reune ao outro; porem qual predomina de quem conserva o nome o ramal que lá vai dirão mais tarde talvez os Senhores do Estado Independente do Congo.

H. de Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Est. Nº 82

Nº 1

Nº 2.

A vista Nº 1 - é de Massangano. O soldado que n'ella vemos está sobre os pegões para a ponte que se estava construindo sobre a direcção do Chefe do Concelho, depois ajudante da Expedição a quem se deve esta, como todas as photographias d'este album. Já d'esta ponte fallamos, bem como d'outras vistas da villa edificada n'um alto sobre a margem direita do Cuanza.

Esta villa tem uma parte importante na historia de Angola de que a Expedição trata no livro da sua viagem.

A vista Nº 2 - É do mercado de Loanda á beira mar projecto do director Faro, hoje tenente Coronel do Exercito d'Africa Occidental e dirigindo as construcções do governo na bahia do Tungue.

Este mercado é construcção de ha pouco mais de 10 annos e feito em attenção á hygiene e seguindo modernas prescripções em belleza e dá um certo tom áquella cidade em Africa.

[illegible]

Est. Nº 83

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº2.

A photographia superior é a Companhia de Policia da cidade de Loanda, formada no seu quartel junto a Administração do Concelho.

Se nos lembrar-mos que a maior parte destas praças são pretos boçaes do interior e de pontos muito diversos em longitudes e latitudes, devemos crer que quando o preto fôr bem dirigido na sua educação, o podemos chamar ao nosso convivio com muito aproveitamento para todos os misteres.
Quando a elles se confia a manutenção da ordem e a segurança publica é porque na realidade não é elle um ente inutil como muitos o querem fazer suppôr.
Ali se encontram, não só o preto de Angola (natural) mas tambem d'alem dos pontos que dominamos e até Lundas. Em Loanda com differentes officios e misteres encontramos sempre o preto mais ou menos civilisado e satisfazendo aos seus encargos.

A vista inferior é uma das margens do rio Luênguê que na verdade tem pontos que parecem explendidos em selvas, refletindo-se nas suas aguas como n'um espelho.
As suas margens não são pantanozas como a de outros rios.
Nas grandes cheias trasborda o rio, porem tem a escoante necessaria para acompanharem as aguas que o excedem.

H. de Carvalho

Col. Nº 84

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 2:

Ambas estas vistas são da Villa de Massangano e na de baixo n'um plan'alto se vê a velha Egreja testemunho de devoção dos nossos heroicos antepassados. Era n'este templo onde elles iam agradecer ao Altissimo os louros alcançados em combates successivos. Foi ahi onde p.r muito tempo se conservaram os restos mortaes do seu fundador o capitão Paulo Dias de Novaes.

H. de Carvalho

Est. N.º 85

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRICA

N.º 1

O grupo N.º 1 É uma parte da embaixada Lunda que acompanhou o Chefe da Expedição do Caiáque a Loanda. O homem que está sentado n'uma cadeira é Nóeji filho d'um Muatianvua irmão do actual eleito (Janvo) e que o vem representar. Lá tem o indicativo na cabeça que são as milunas de missanga que sahem de sobre as orelhas para a frente. O que está atraz d'elle junto ás costas da cadeira com um lenço ao pescoço é o encarregado de vigiar pela sua vida. Canapumba é Muáta (senhor) e o seu nome Janvo. O Muáta Janvo. Aqui está o caso em que bem se distingue, que escrevendo o titulo do grande potentado da Lunda, como escrevemos é um erro; este é o senhor das riquezas Muata-iá-anvua, o que pelas contracções se reduz a Muatianvua e se este se chamar Janvo; será Muatianvua-Janvo.

Os rapazes que o acompanham são Kimangatas, não só levam sua bagagem, construem abrigos para elles pernoitarem, tocam os instrumentos que sabem para o entreter e mostrar a sua grandeza, e ainda lhe dão montada para o transportar principalmente entre povoações.

As mulheres são: a que está sentada d'elle e as outras de diversos da comitiva que ajudam esta em serviços domesticos e todas cosinham para os seus.

A parte da embaixada que ainda não está; é porque na occasião estavam doentes.

O eleito Muatianvua mandando aquella embaixada a Loanda quiz provar o seu reconhecimento a Muene Puto e pedir tomasse o Estado da Lunda sob seu protectorado.

H. de Carvalho

Est. Nº 86

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 2

A vista N.º 1 É do bello porto da cidade de S. Paulo d'Assumpção de Loanda. Este porto está precizando muito de dragagens e de obras importantes na barra do Cuanza e no bairro alto da Cidade a evitar a evazão das areias que todos os annos n'elle se vão amontoando, sendo certo que ha hoje differenças consideraveis nas soldagens que n'elle fizeram ha 8 annos.

A vista N.º 2 é o observatorio magnetico no bairro alto da cidade de Loanda feito sobre a vigilancia do distincto official d'armada Gomes Coelho e por elle devidamente montado. Faz parte do observatorio meterrologico tambem montado pelo mesmo illustre official que d'elle foi director de 1878 a 1883, donde datam as mais interessantes e regulares publicações.

A instituição e o edificio honram a cidade de Loanda.

F. de Carvalho

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Est. N.º 87

N.º 1

N.º 2.

A vista Nº 1 - É d'uma das propriedades mais importantes de Casengo do fallecido Abilio - A rua que se vê á esquerda entre o terreiro e os armazens e officinas é extensissima e marginada de formosissimas palmeiras que o vulgo já conhece pelas do Prototypo.

Ao fundo do terreiro está a casa de habitação onde foi alojada a Expedição a qual teve bellissimos commodos.

É importantissima esta propriedade em café e tem outros recursos conda abundancia - A falta de carregadores deu logar por 4 annos a armazenar-se o café e por consequencia mais se onera a propriedade quando ella tinha os rendimentos indispensaveis para ir amortisando os seus debitos.

Foi tal o desinvolvimento que lhe dera o fallecido Abilio que previu que o meio unico de poder transportar com vantagem seus productos para o littoral seria a construcção d'uma via ferrea pelo que elle muito pugnou, mas que infelizmente não chegou a ver iniciar, tendo feito bastantes sacrificios para esse fim. Ella lá está em execução, o seu nome a ella fica vinculado.

Nº 2 - É a vista da entrada da povoação do Taibango por NW.

A povoação não é muito grande mas é asseada e as construcções são mais regulares que a maior parte das dos Lundas actualmente. Está n'um ponto elevado afastada 4 kilometros do rio Tximbue e tem um riacho d'uma bellissima agua que corta pelo E N E.

Este povo é mais caçador que lavrador e obtem productos da lavra dos visinhos em troca de peças de carne das suas caçadas.

Aqui já se viam as raparigas trajando como na primitiva, folhas de arvores adeante e atrás - Mas não dispensam a ornamentação da missanga ao pescoço e cruzando-se por debaixo dos braços.

Carvalho

Est Nº 88

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Os N.os 1 e 2 – São dous typos da Lunda que em pequenos foram, como escravos, para os sobados de Malange. Fizeram parte da Expedição como carregadores.
O primeiro acompanhou o Chefe á Mussumba. Pelo seu genio irrascivel e birbento, foi mandado castigar rigorosamente pelo Chefe e é certo que d'ahi em diante o Chefe, conseguia domal-o apenas ameaçando-o.
Foi tal a affeição que tomou ao Chefe que abandonava os do seu fogo para o seguir sempre e por isso o Chefe em Malange conseguiu dar-lhe a liberdade. Ella está vivendo sob a protecção da auctoridade administrativa. Acompanhou a Expedição a Loanda.
Tanto elle como o N.º 2 eram dous rapazes fortes; porem o N.º 2 soffreu muito na margem do Cuango. Foi attacado d'uma pneumonia dupla; porém devido ao bom tratamento restabeleceu-se.
O N.º 3 – É um soldado da força militar que fez parte da Expedição e foi promovido a cabo por ter exemplar comportamento e ser homem de confiança. É natural de Benguella e é um esplendido nadador.
O N.º 4 – É um velho Quioco de que já fallei e considerado um grande fabricante de remedios contra feiticeiros e inimigos.
Pela sua edade e posição distincta entre os grandes prestou-me importantes informações sobre a historia e linguas dos povos da Lunda e esclareceu-me sobre algumas duvidas que tinha sobre os Quiocos.

H. de Carvalho.

Est N.º 89

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 3

N.º 4.

O Nº1 - Este rapaz teria os seus 12 annos foi mandado de presente pelo quilolo do Muatianvua Nzovo á Muene Puto, como signal de sua amizade e de reprovava o mau procedimento que tiveram os rapazes do seu povo com os soldados de Muene Puto.
Andou no serviço de cosinha com a Expedição e regressando a Loanda teve a sua liberdade e lá está servindo n'uma caza onde é muito estimado.
O Nº2 - É a mulher d'um Bangala, filha da Lunda já perdeu muito dos seus habitos e modo de trajar - Elevada a Senhora deixou de apresentar aquella humildade que lhe era tão familiar.
O Nº3 rapariga - e o Nº4 descendente de Mona Dinhunga e por consequencia do Muatianvua. São dous typos distinctos Lundas d'alem do Cassai.
O Nº4 - Veiu representar Mona Dinhunga e trasia a sua força para acompanharem Xanadiamba do Caungula de Matába á Mussumba.
São dous typos bons para os nossos estudos ethnographicos comparados com os de outras tribus.
H. de Carvalho

Est nº 90

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA
AO
MUATIANVUA
AFRIC.

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Quadro Nº1 - Representa differentes artigos de uzo entre os Lundas.
Temos á direita duas panellas de barro negro de diversas dimensões e sobre a mais alta um taisanje deitado e de que já demos noticia em outro logar, e sobre o lado um musále uma especie de peneira, por elle separam para um outro lado os gorgulhos da fuba do seu bombó. Encostado a este está um pequeno banco de madeira a que chamam ditanda, atras d'elle uma cabaça para agua a que chamam taisuipe e ainda atras d'esta uma especie de gral de madeira a que chamam tai-no e dentro o pau com que pizam o bombó que para lá se deita em pedaços depois de seccos e a que chamam Muixe. A' frente do banco estão dois pratos de madeira a que chamam taisapuilo tendo o da esquerda uma faca, e o da direita um luboco ou taiópo para beberem agua. Atras do ultimo e junto ao banco está uma especie de urna com tampa onde deitam o seu infunde para não esfriar e a que chamam dizumbo e atras deste uma especie de bilha de grande collo e de barro negro a que chamam sába - servelhes para a garapa. Junto á sába está uma haste de madeira terminando em forma de pá que é para mecher a garápa e chamam-lhe Munvulo. Junto ao ultimo prato está a mutopa (cabaça) por onde fumam a sua liamba, sendo o canudo muxia e o deposito onde deitam a liamba em forma de vaso Casáca. Ao lado direito da mutopa vê-se o sapo uma especie de ceira com sua tampa, e á direita duas pequenas cestas a que chamam capaia. Atras da mutopa vê-se um grande cesto a oste chamam quipaia. A taicanga, esteira para dormirem vê-se enrolada, sahindo de tras da Quipaia e sobre um prato tosco em forma de tina para lavar pannos a que chamam pa-sei-a. Sobre o lado está a Muianga, uma especie de canastra - A está quando se faz reunir um pau no sentido do seu cumprimento e excedendo muito para um lado, serve-lhes para transporte de cargas e dão-lhe então o nome de Mu-sa-sa.
Nº2 - E' uma dança de Lundas a um dos seus idolos.
Nº3 - Vendilhões Quiocos que estão vendendo mantimentos á gente do nosso acampamento em logar destinado para tal fim.

HdeCarvalho

Est.ª N.º 41

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 1

N.º 2

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

N.º 3

N.º 4.

O grupo Nº1 - É composto de typos de diversas provincias, mas todos da região central entre o Cuango e Cassai - O que está armado foi em pequeno para Malange e de lá veiu contractado como carregador ao serviço da Expedição.
Medidos todos estes typos bem como os dos outros grupos e ainda outros, forneceram-nos bons factos para os nossos estudos ethnographicos.

O grupo Nº2 - É de Bangalas que se distinguem nestas terras pela sua compostura. - Como elles são negociadores, uzam d'um reclamo para os artigos que desejam negociar e que não deixa de offerecer novidade. Elles cozem pannos e sabem ornal-os debruando-os, com debruns mais ou menos altos mais ou menos franzidos e azuarte azul ou algodão branco, ou ainda a tiras de fazenda de cores. Fazem os pannos mais ou menos fartos.
Depois de algum tempo de residencia n'um acampamento, vestem-se com o melhor que teem - envolvem-se depois nos grandes pannos - cobrem-se com chapeos ou barretes e ainda levam para se protegerem chapellinhos de sol de differentes cores, e vão então para as povoações ou para onde saibam que se reune gente - para tentarem aquelles admiral-os - É deste modo que conseguem chamar a attenção e entabolar logo ahi negocios que depois se vão completar nos seus acampamentos e mostram então todo o negocio que teem.
A fama corre, e elles então são muito procurados.
O grupo Nº3 - São dous individuos da melhor classe de Uataba - o da esquerda é sobrinho de Mucanza, governador que foi assassinado em 1885 e tinha honras de Muatianvua Noeji.

O grupo Nº4 - São dous rapazes da margem do Lulua a norte, proximo dos Uandas.

Carvalho

Est. Nº 92

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2.

A vista Nº1 - é ainda das soberbas penedias de Pungo Andongo - É a entrada para a povoação pelo NW - Algumas cazas de paredes de adobe ahi estão e por ellas se faz ideia da altura desses monstros que por feios e sombrios são tão affamados.

Tudo nos leva a crer que a muralha por elles formada, inferiormente segue abaixo do solo para NW e SW como separando as terras do plan'alto das terras baixas, forma por assim dizer um supporte que as aguas oceeanicas banharam por muito tempo - As aguas fluviaes vieram depois por assim dizer limpal-os dos effeitos d'acção d'aquellas, mas as algas que os revestem e lhes dá a côr mais enegrecida n'uma parte do anno e a força vegetativa de que são dotados os terrenos que elles sombreiam, - essas é que não foram destruidas e são como o véo que levantado pelo geologo o ha de encaminhar á formação dessa obra natural até hoje por estudar.

A vista Nº2 - É o porto de Barraca no rio Cuanza - margem direita, na sua parte mais baixa e onde pelo aspecto do arvoredo se calcula da densidade da floresta.

H. de Carvalho.

Est Nº 93

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

N.º 1 é um individuo Chilangue, o N.º 2 de Malange e as duas mulheres são Lundas; porem a N.º 3 já andava aggregada a Expedição.

A N.º 4 – É uma mulher já de bastante edade, muito pobre e que frequentes vezes vinha ao nosso acampamento pedir ao pessoal se compadecessem d'ella, e recebia sempre alguma comida.

H. de Carvalho

Est. Nº 94

EXPEDIÇÃO PORTUGUEZA AO MUATIANVUA AFRICA

Nº 1

Nº 2

Nº 3

Nº 4

Os N.os 1 e 2 - Mulheres Lundas, e os N.os 3 e 4 mulheres de Quiocos - A n.o 2, é a Cabuiza, que foi julgada como feiticeira e que a Expedição conseguiu salval-a da pena de morte a que fora votada. D'ella fallamos n'outro logar.

H. de Carvalho